

SERGIO FERNANDES ALEIXO

Com Quem Falaram os Profetas?

FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA FENOMENOLOGIA ESPÍRITA Muitos pontos dos *evangelhos*, da *bíblia* e dos autores sacros em geral são ininteligíveis, parecendo alguns até disparatados, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão.

Allan Kardec (*O evangelho segundo o espiritismo*, Introdução, item I.)

Esses fatos se compreendem, embora sob outro nome, na ordem dos fenômenos espíritas e, como tais, nada têm de sobrenatural.

Allan Kardec (*A gênese*, XIII: **14.**)

A *bíblia* é muito valiosa para os espiritistas estudiosos porque é o maior e o mais vigoroso testemunho da verdade espírita na antiguidade.

J. Herculano Pires | Visão espírita da bíblia, artigo **15º.**)

Sumário

| | |
|--|-----|
| Prefácio..... | 11 |
| Intróito..... | 15 |
| 1 - A proibição de Moisés..... | 25 |
| 2 - Os dez mandamentos e a ectoplasma | 31 |
| 3 - Moisés, Iahweh e o profetismo | 41 |
| 4 - A mediunidade de Josué..... | 45 |
| 5 - A mediunidade de Davi..... | 49 |
| 6 - A pitonisa de Endor..... | 55 |
| 7 - A mediunidade de Elias..... | 61 |
| 8 - A mediunidade de Samuel..... | 75 |
| 9 - Elifaz vê um espírito..... | 79 |
| 10 - A ruptura da cadeia de prata..... | 83 |
| 11 - Um anjo na fornalha..... | 89 |
| 12-O banquete de Belsazar (Baltazar) | 95 |
| Bibliografia..... | 101 |
| O autor..... | 107 |

Prefácio

Em meados de **1990**, a voz de um rapaz de apenas dezenove anos começava a ressaltar-se pelas ondas amorosas da Rádio Rio de Janeiro, a Emissora da Fraternidade (**1400** Khz - AM), ministrando ensinamentos valiosos, e sempre amparada firmemente na codificação espírita.

Essa voz integrava um programa até hoje levado ao ar, denominado "Caminho do Senhor". O prezado Sérgio F. Aleixo aparecia, então, com grande exuberância, ao lado de dois gigantes do radialismo espiritualista: Acácio Fernandes Moreira e Gastão Veríssimo Brandão.

Encontrava-me emocionado! Patenteava-se-me o aparecimento da mais nova geração de profíctes do *Espírito de Verdade*, a qual, por certo, está destinada a outorgar mais vigor e autenticidade doutrinários ao movimento espírita no Brasil e no mundo. A minha geração muito se orgulha de deixar claro para aquela que a substituirá no plano das formas a importância do estudo perseverante e sistemático da doutrina dos espíritos, ou seja, a kardecização propriamente dita de nosso movimento, como também muito se orgulha de ter deixado para trás, desmascarados, os falsos profetas da Terra e da erraticidade, que se intentavam radicar nas lides do *Consolador* prometido por Jesus.

A geração anterior à minha, capitaneada por homens de notável cultura espírita, a exemplo do insigne professor José Herculano Pires, não deixou passar a oportunidade de alertar os jovens a respeito de espíritos encarnados e

desencarnados que desejam solapar as bases doutrinárias do espiritismo com pueris e desastrosos conceitos.

Ufano-me, por isso, de pertencer a uma geração verdadeiramente idealista, responsável pela preparação do terreno onde pisariam moços tão proeminentes como o nosso estimado Sérgio F. Aleixo. A minha felicidade agora é total, pois este "jovem velho (ou velho jovem)" - como tão bem o definiu o estimado Gastão Veríssimo Brandão, no prefácio elaborado para sua primeira e memorável obra: *Reencamação - lei da bíblia, lei do evangelho, lei de Deus* (Lachâtre, 1999) - continua firme no estudo doutrinário, fiel sobremaneira a Jesus e a Kardec.

Mais uma vez, Sérgio F. Aleixo nos traz uma obra singular, de incontestável valor, bem ao seu estilo de sólidos e irrefutáveis argumentos, encerrando um excelente material de pesquisa bíblica e espírita para estudo e reflexão verdadeiramente profundos acerca de fatos de subido valor e já desde muito priscas eras anotados pelos homens, execução de leis naturais que sempre o foram, conforme asseverou, meridiano, em pleno século XIX, o inolvidável mestre lionês.

Não tenho dúvidas de que também este seu livro tem a chancela da Espiritualidade Maior. E agradeço a Jesus a valiosa oportunidade de haver sido agraciado como pre-faciador de tão magnânima peça da literatura espírita, **12** rogando ao Alto que inspire meu querido amigo Sérgio, mantendo-o sempre no caminho da verdadeira luz: a terceira revelação da lei de Deus aos homens - a doutrina espírita tal qual Allan Kardec a codificou.

AMÉRICO DOMINGOS NUNES FILHO¹

Intróito

Os fenômenos espíritas - quer anímicos, quer medi-únicos - constituindo um dos problemas em que a realidade sempre se nos traduziu, tiveram como resposta reflexiva do homem a concepção espiritualista da vida, conforme as diversas culturas de todos os tempos.

Do estudo científico dessa ordem de fenômenos surgiu a doutrina espírita ou espiritismo, cuja codificação coube ao ínclito discípulo de Pestalozzi, o pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (Lyon, **3.10.1804** — Paris, **31.3.1869**), que adotou para esse mister o pseudônimo *Allan Kardec*.

Importa, pois, que não se confunda o espiritismo (ciência e doutrina) com os fenômenos espíritas (objeto de seu estudo).

¹ **1** Médico pediatra. Conferencista e escritor. Presidente da Associação Médico-Espírita do Estado do Rio de Janeiro (AME-RIO) e da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro (ADE-RJ).

Orígenes, Clemente de Alexandria e santo Agostinho, por exemplo, já afirmavam a realidade da fenomenologia espírita. Os dois primeiros muito se reportavam ao *Livro do pastor*, publicado em 220 por Caio e adotado pela igreja católica até o século V. De autoria de Hermas, discípulo dos primeiros apóstolos, saudado por Paulo numa de suas epístolas,² essa obra continha claras referências às comunicações mediúnicas, ensinando até a discernir a natureza das mesmas. Dizia o antigo apóstolo do cristianismo nascente:

O espírito que vem da parte de Deus é pacífico e humilde; afasta-se de toda malícia e de todo vão desejo deste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos os que o interrogam, nem às pessoas em particular, porque o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite. Quando, pois, um homem que tem um espírito de Deus vem à assembleia dos fieis, desde que se fez a prece, o espírito toma lugar nesse homem, que fala na assembleia como Deus o quer. [É o médium falante.]

Reconhece-se, ao contrário, o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem força, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É inoportuno, tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim.³

E elucida, muito oportunamente, o continuador número um de Kardec:

Segundo a *escritura*, "profetizar" não significa unicamente predizer ou adivinhar, mas também ser impulsionado por um espírito bom ou mau. [...] Encontram-se muitas vezes estas expressões na boca dos profetas: "O peso do Senhor caiu sobre mim", ou ainda, "o espírito do Senhor entrou em mim". Esses termos claramente indicam a sensação que precede o transe, antes de ser o médium tomado pelo espírito. E ainda: "Vi, e eis o que disse o Senhor", o que designa a mediunidade vidente e auditiva simultâneas.⁴

Não soubéssemos ser o de Hermas um texto publicado no século III de nossa era e pensaríamos integrar alguma obra espírita...

O fato é que o espiritismo nos trouxe como saber, porque agora fundada numa abordagem racional e científica, a sabedoria das mais antigas tradições, principalmente no que respeita à comunicabilidade da alma após a morte biológica e à reencarnação, a despeito de a tradição não haver sido o ponto de partida de Allan Kardec, e sim a investigação fenomênica.

No antecitado texto de Hermas, confirma-se o seguinte esclarecimento do benfeitor espiritual Emmanuel: "O mediunismo evangelizado, dos tempos modernos, é o mesmo profetismo das igrejas apostólicas".⁵

² **2 Romanos, XVI, 14.**

³ **3 Cristianismo e espiritismo, de Léon Denis. Cap. V, p. 62.**

⁴ **4 DENIS, No invisível. Cap. XXVI, nota 276-A, pp. 387/8.**

⁵ **5 Paulo e Estevão. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Segunda parte. Cap. VII, p. 427.**

Por que será, então, que aqueles que tanto se intitulam cristãos condenam a mediunidade? Os médiuns, quando técnica e eticamente bem orientados, mais não são do que os outrora chamados profetas de Deus.⁶

No campo religioso, a principal objeção ao mediunato está nas proibições de Moisés, consignadas, sobretudo, no *Levítico*⁷ e no *Deuteronômio*.⁸ O grande legislador hebreu, porém, não admoestava senão a prática mediúnica desesclarecida, supersticiosa e frívola, o que não se aplica à mediunidade exercida segundo a técnica e a ética espíritas.

Moisés certamente apoiava o mediunato, isto é, o profetismo, quando bem exercido; até o desejava para todo o seu povo: "(...) quisera eu que todo o povo de Jeová fosse profeta, porque Jeová poria seu espírito sobre eles!".⁹

E um dado antropológico hoje incontestável que os fenômenos espíritas fundamentam todas as seculares tradições religiosas; sendo assim, a religião que lhes lança anátema nega a si mesma, dando mostras de ignorância¹⁰

A ciência que primeiro tomou por objeto de estudo essa fenomenologia, segundo um método que conduziu à descoberta de suas leis específicas, foi o espiritismo, donde Allan Kardec haver chamado "espíritas" a tais fenômenos. Não é acertado, portanto, utilizar a expressão "fenômeno espírita" como sinônima de "fenômeno mediúnico", pois que este é apenas uma das faces daquele outro. Se não, vejamos a definição kardeciana:

Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou espírito, quer durante a encarnação, quer no estado de erraticidade. É pelas manifestações que produz que a alma revela a sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; julga-se dela pelos seus efeitos; sendo natural a causa, o efeito também o é. São esses efeitos que constituem objeto especial das pesquisas e do estudo do espiritismo, a fim de chegar-se a um conhecimento tão completo quanto possível, assim da natureza e dos atributos da alma, como das leis que regem o princípio espiritual.¹¹

⁶ Segundo o professor Carlos J. Torres Pastorino: "(...) *profeta*, do grego *rcpotpTixeúco*, 'falar por meio de', e *médium*, palavra latina que significa 'intermediário' (...)" (Cf. *Sabedoria do evangelho*, 1º vol., p. 30.) Observação: Veja-se o capítulo nove do nosso livro *Reencarnação: lei da bíblia, lei do evangelho, lei de Deus* (Lachâtre, 1999.)

⁷ XIX, 31 e XX; 27^r

⁸ XVIII, 9-14.

⁹ Números, XI, 29. In: *Tradução do novo mundo das escrituras sagradas*.

¹⁰ BOZZANO,, *Povos primitivos e manifestações supranormais*. PIRES, O *espírito e o tempo. Introdução antropológica ao espiritismo*.

¹¹ 11 A *gênese*, XIII:9.

Aquilo que psicólogos e psiquiatras pioneiros,¹² desde as décadas de cinquenta e sessenta do século XX, chamam "estados especiais de vigília", "estados alterados de consciência", ou ainda "estados de expansão de consciência",¹³ o professor Rivail, mais de um século antes, estudara já durante trinta e cinco anos de sua vida; à época, fenômenos conhecidos por "sonambúlicos".¹⁴ Posteriormente, na condição de codificador do espiritismo, catalogou-os como efeitos da "emancipação da alma", assegurando que "muitas manifestações *espíritas* são explicáveis por esse meio".¹⁵ O sábio russo A. Aksakof é que chamou os fenômenos sonambúlicos "anímicos".¹⁶ No entanto, independente disso, o mestre de Lyon já distinguira em suas pesquisas esses fenômenos anímicos (modos de manifestação da alma durante a encarnação) dos fenômenos mediúnicos (modos de manifestação do espírito no estado de erraticidade), a ambos identificando como fenômenos espíritas, porque relativos exatamente ao ser imortal, quer ainda ligado à carne, quer dela já desligado.

O que chega mesmo a ser emocionante é depreender de estudos e tendências contemporâneas o tanto de pio- neirismo do gênio de Kardec... Em seu primeiro livro,

Patrick Drouot, físico, *Ph.D.* pela Universidade de Colum- bia, afirma:

Pouco a pouco, numerosos cientistas evoluem em direção à ideia de que a inclusão da consciência humana no campo das pesquisas atuais permitiria o acesso à compreensão da natureza do ser humano e, conseqüentemente, à do universo.¹⁷

Ora! Em seu brilhante *Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista* (1857), o codificador da doutrina espírita se revela o maior dos precursores contemporâneos desta tendência de perquirição da natureza da consciência humana e sua inclusão no campo das pesquisas científicas. Os termos que emprega em *O livro dos espíritos*, item 455, de tal modo são categóricos que não permitem dúvidas, chegando mesmo a ser proféticos.

O sonambulismo natural constitui fato notório, que ninguém mais se lembra de pôr em dúvida, não obstante o aspecto maravilhoso dos fenômenos a que dá lugar. Por que seria então mais extraordinário ou irracional o sonambulismo magnético? Apenas por produzir-se artificialmente, como tantas outras coisas? Os charlatães o exploram, dizem. Razão de mais para que não lhes seja deixado nas mãos. Quando a ciência se houver apropriado dele, muito menos crédito terão os charlatães junto

¹² 12 Tart, Grof, Maslow e Assagioli, por exemplo.

¹³ 13 DROUOT, *Reencamação e imortalidade. Das vidas passadas às vidas futuras*. Cap. 1 - Reencamação: mito ou realidade?

¹⁴ 14 *O livro dos espíritos*, Introdução, § XVI.

¹⁵ 15 *Ibid.* Grifo nosso.

¹⁶ 16 *Animismo e espiritismo*.

¹⁷ 17 *Nós somos todos imortais*. Palavras prévias.

às massas populares. Enquanto isso não se verifica, como o sonambulismo natural ou artificial é um fato, e como contra fatos não há raciocínio possível, vai ele ganhando terreno, apesar da má-vontade de alguns, no seio da própria ciência, onde penetra por uma imensidade de portinhas, em vez de entrar pela porta larga. Quando lá estiver totalmente, terão que lhe conceder direito de cidade.

Para o espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. E aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto.

Allan Kardec anteviu, além de tudo, a problemática epistêmico-metodológica suscitada pela incursão em estudos de natureza eminentemente psíquica, isto é, no que tange mesmo a constituição de conhecimento propriamente dito nesse campo tão fascinante que é o da exploração da natureza da consciência humana. Superando a sua formação pessoal, clássica,¹⁸ compreendeu a genialidade do mestre lionês que a realidade descortinada pela fenomenologia espírita não encontrava na aplicação dos conceitos da visão mecanicista do mundo uma abordagem satisfatória, pelo que foi levado a afirmar no antecitado *Resumo teórico*: "A alma tem suas propriedades, como os olhos têm as suas. Cumpre julgá-las em si mesmas e não por analogia".

O fato é que Allan Kardec não se deteve na periferia dos fenômenos espíritas; quer anímicos, quer mediúnicos, ele soube integrá-los ao vasto conjunto da busca do mais necessário de todos os saberes: quem somos, de onde viemos, para onde vamos.

Analisando algumas das principais passagens bíblicas que constituem inequívocas narrativas da fenomenologia espírita na antiguidade, pudemos flagrar uma situação particularmente contraditória de nossa cultura, assim descrita por um dos pais da psicologia transpessoal, o doutor Stanislav Grof:

[...] a psiquiatria tradicional não faz distinção entre neurose e misticismo e tende a tratar todos os estados de consciência incomuns com medicação supressiva. Isso criou um cisma particular na cultura ocidental.

Oficialmente, a tradição religiosa judaico-cristã é apresentada como a base e o fundamento da civilização ocidental. Todo quarto de motel tem um exemplar da *bíblia* na gaveta do criado-mudo e, em seus discursos, políticos de alto nível se referem a Deus. Contudo, se um membro de uma comunidade religiosa tivesse uma intensa experiência espiritual semelhante à de muitas figuras importantes da história do cristianismo, o sacerdote comum o mandaria consultar um psiquiatra.¹⁹

Mas tal situação está mudando. Quanto à relação atual de nossa cultura com a

¹⁸ **18** Adquirida no Instituto de Yverdon, na Suíça, com seu mestre J. H. Pestalozzi.

¹⁹ **19** *Emergência espiritual. Crise e transformação espiritual*. Introdução, pp. 12/13.

fenomenologia espírita (ainda que não assim denominada), assegura o doutor Raimond A. Moody Jr.:

O que está ocorrendo, creio, é que, coletivamente, estamos nos abrindo dentro de nós mesmos e entre nós para estados de consciência alterados, bem familiares aos nossos ancestrais em tempos remotos, mas que foram sendo reprimidos no correr de nossa civilização, rejeitados como superstição [pela ciência] ou mesmo coisa demoníaca [pela religião].²⁰

Nosso intento é tornar aqui patente, em consonância com as atuais incursões da própria ciência, o quanto são infundadas as objeções das igrejas contra o espiritismo.

O objeto de estudo da ciência espírita é o veículo mesmo das revelações escriturísticas.²¹

SÉRGIO FERNANDES ALEIXO

A PROIBIÇÃO DE MOISÉS

As proibições de Moisés ao exercício popular da mediunidade assim estão consignadas nas páginas da *bíblia*:

Não vos virareis para os adivinhadores e encantadores; não os busqueis contaminando-vos com eles: eu sou o Senhor vosso Deus.²²

Quando pois algum homem ou mulher tiver em si um espírito adivinho, ou for encantador, certamente morrerão: com pedras se apedrejarão; o seu sangue é sobre eles.²³

Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der não aprenderás a fazer conforme as abominações daquelas nações, Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; Nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos: Pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus as lança fora de diante dele. Perfeito serás, como o Senhor teu Deus. Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os

²⁰ **20** *In: A cura através da terapia de vidas passadas*, de Brain L. Weiss. Introdução, p. **12**. Colchetes nossos.

²¹ **21** Queríamos abranger *Velho e Novo Testamentos*, mas a exiguidade de tempo para articular todos os dados de anos e anos de pesquisa e também o receio de deixar cansado o leitor determinaram que nos limitássemos, por ora, somente ao *Antigo Testamento*, ainda que, por menção, algumas vezes tenhamos reportado ao *Novo*.

²² **22** *Levitico, XIX, 31*. *In: ALMEIDA*. Revista e corrigida.

²³ **23** *Ibid., Levitico, XX, 27*.

prognosticadores e os adivinhadores: porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal coisa.²⁴

Allan Kardec trata deste assunto na codificação espírita, em *O céu e o inferno*.²⁵ O mestre Lionês assinala que tal proibição não é aplicável à mediunidade exercida sob a orientação da doutrina espírita, porque o espiritismo reprova tudo aquilo que, da parte do legislador hebreu, motivou-a com justiça, isto é, a superstição, a frivolidade, a imperícia e o comércio.

O codificador afirma em *O evangelho segundo o espiritismo*: "A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente".²⁶ E lembra ainda a instrução de Jesus registrada em *Mateus*: "Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios. Dai de graça o que de graça recebestes".²⁷

Se Moisés proibiu evocar os mortos, — assevera Kardec — é que estes podiam vir, pois do contrário inútil fora a proibição. Ora, se os mortos podiam vir naqueles tempos, também o podem hoje; e se são espíritos de mortos os que vêm, não são exclusivamente demônios. Demais, Moisés de modo algum fala destes últimos.²⁸

O ínclito discípulo de Pestalozzi argumenta com absoluta correção, até porque a palavra grega Saípcov (*daimon*) está mais vinculada ao *Novo* do que propriamente ao *Velho Testamento*, em virtude da marcante helenização sofrida pela doutrina de Jesus. Deve-se, a respeito, ter em mente as seguintes palavras do precursor da moderna historiografia francesa, o erudito Numa Denis,²⁹ professor de História Medieval na Sorbonne: "As almas humanas divinizadas pela morte os gregos denominavam-nas *demônios* ou *heróis*. Os latinos denominavam-nas de *lares*, *manes*, *gênios*".³⁰

Tendo em vista que o cristianismo foi consagrado pela cultura helénica, é lícito considerarmos que o conceito de "demônios" adotado pelas igrejas é produto de mera ficção teológica, absolutamente incompatível com sua antiga acepção cultural. Está mais do que exata, portanto, a doutrina espírita. Trata-se de seres humanos desencarnados. Por isso é que, nos *evangelhos*, muito se fala em "demônios"; referidos, contudo, como seres malfazejos, a exercerem influência sobre os homens, muito embora, sob o ponto de vista cultural helénico, não fossem eles necessariamente malévolos, como também observou Allan Kardec:

²⁴ **24** *Ibid.*, *Deuteronomio*, XVIII, 9-14.

²⁵ **25** Iª parte, cap. XI: "Da proibição de evocar os mortos".

²⁶ **26** XXVI: 10.

²⁷ **27** X, 8.

²⁸ **28** *O céu e o inferno*, Iª parte, X:8.

²⁹ **29** Seu nome era Fustel de Coulanges (1830-1889).

³⁰ **30** *A cidade antiga. Estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma*. Cap. II — O culto dos mortos. Destaques do original.

A palavra *daimon*, da qual fizeram o termo *demônio*, não era, na antiguidade, tomada à má parte, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os espíritos superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. (...) o espiritismo diz que os espíritos povoam o espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos espíritos puros, que são os incumbidos de lhe transmitir as vontades; que os espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Ponde, em lugar da palavra *demônio*, a palavra *espírito* e tereis a doutrina espírita; ponde a palavra *anjo* e tereis a doutrina cristã.³¹

O feto, pois, é que os "demônios" não constituem seres fantásticos nem tampouco "anjos decaídos". Eles são "gente como a gente". Apenas estão privados de corpo físico. E, se Jesus os chamava "satanás", é porque, na língua dos *evangelhos* (o grego), esse vocábulo significa "adversário". Eram, pois, obsessores, "inimigos" desencarnados.

A proibição de Moisés, desse modo, longe de objeção, constitui uma prova da realidade do fenômeno espírita em plena antiguidade. O legislador não poderia proibir o que não existe. Todavia, somos cristãos ou judeus? Qual a lei que vige para nós? A de Moisés ou a do messias por ele anunciado?

Argumenta Allan Kardec:

Não veio Jesus modificar a lei moisaica, fazendo da sua lei o código dos cristãos? Não disse ele: — "Vós sabeis o que foi dito aos antigos, tal e tal coisa, e eu vos digo tal outra coisa?". Entretanto Jesus não proscreeu, antes sancionou a lei do Sinai, da qual toda a sua doutrina moral é um desdobramento. Ora, Jesus nunca aludiu em parte alguma à proibição de evocar os mortos, quando este era um assunto bastante grave para ser omitido em prédicas, mormente tendo ele tratado de assuntos secundários.³²

A asserção do codificador é irrefutável, porquanto o mestre Jesus não somente não proibiu o intercâmbio mediúnicamente como foi dele um praticante. Ao falar com Moisés e Elias no alto de um monte, durante o episódio de sua transfiguração, não conversou Jesus com dois "mortos"? Tanto eram de fato espíritos desencarnados que um deles já havia mesmo passado por nova encarnação, porquanto disse Jesus: "Elias já veio, mas não o reconheceram". Segundo Mateus: "(...) compreenderam os discípulos que se referia a João Batista".³³

Moisés proibiu, desse modo, os abusos da prática mediúnica, o que, em absoluto, não diz respeito à mediunidade exercida pelos médiuns espíritas, isto é, aqueles

³¹ **31** *O evangelho segundo o espiritismo*, Introdução, § VI - Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão.

³² **32** *O céu e o inferno*, Iª parte, X:6.

³³ **33** XVII, 1-13. In: ROHDEN. *A mensagem viva do Cristo*.

orientados pelo espiritismo. Se as faculdades de todos os médiuns do mundo fossem exercidas à luz dessa eterna doutrina, isto é, se todos fossem médiuns espíritas, a Terra constituiria um planeta em que seria menos difícil amar, e o desejo de Moisés para seu povo se realizaria para toda a humanidade: "(...) quisera eu que todo o povo de Jeová fosse profeta, porque Jeová poria seu espírito sobre eles!"³⁴

OS DEZ MANDAMENTOS E A ECTOPLASMIA

E disse o Senhor a Moisés: Eis que eu virei a ti numa nuvem espessa, para que o povo ouça, falando eu contigo, e para que também te creiam eternamente. [...] Disse também o Senhor a Moisés: Vai ao povo e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles os seus vestidos; E estejam prontos para o terceiro dia: porquanto no terceiro dia o Senhor descerá diante dos olhos de todo o povo sobre o monte de Sinai. E marcarás limites ao povo em redor, dizendo: Guardai-vos que não subais ao monte nem toqueis o seu termo, todo aquele que tocar no monte, certamente morrerá. Nenhuma mão tocará nele: porque certamente será apedrejado ou asseteado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá; soando a buzina longamente, então subirão ao monte. Então Moisés desceu do monte ao povo, e santificou o povo; e lavaram os seus vestidos. E disse ao povo: Estai prontos ao terceiro dia; e não chegueis a mulher. E aconteceu ao terceiro dia, ao amanhecer, que houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de buzina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. E todo o monte de Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo: e o seu fumo subiu como fiimo dum forno, e todo o monte tremia grandemente. E o somido da buzina ia crescendo em grande maneira: Moisés falava, e Deus lhe respondia em alta voz. E descendo o Senhor sobre o monte de Sinai, sobre o cume do monte, chamou o Senhor a Moisés ao cume do monte; e Moisés subiu. E disse o Senhor a Moisés: Desce, protesta ao povo que não trespasse o termo para ver o Senhor, a fim de muitos deles não perecerem. E também os sacerdotes, que se chegam ao Senhor, se hão de santificar, para que o Senhor não se lance sobre eles. Então disse Moisés ao Senhor: O povo não poderá subir ao monte de Sinai, porque tu nos tens protestado, dizendo: Marca termos ao monte, e santifica-o. E disse-lhe o Senhor: Vai, desce: depois subirás tu, e Aarão contigo: os sacerdotes, porém, não trespassem o termo para subir ao Senhor, para que não se lance sobre eles. Então Moisés desceu ao povo, e disse-lhes isto. {Êxodo, XIX,

³⁴ **34** Números, XI, **29**. In: Tradução do novo mundo das escrituras sagradas. L

9-25.)³⁵

Iahweh disse a Moisés: "Sobe a mim na montanha, e fica lá; dar-te-ei tábuas de pedra - a lei e o mandamento - que escrevi para ensinares a eles". Levantou-se Moisés com Josué, seu servidor; e subiram à montanha de Deus. (*Êxodo*, XXIV, 12-13.)³⁶

Moisés voltou-se e desceu da montanha com as duas tábuas do Testemunho nas mãos, tábuas escritas nos dois lados: estavam escritas em uma e outra superfície. As tábuas eram obra de Deus, e a escritura era obra de Deus, gravada nas tábuas. Josué ouviu o barulho do povo que dava gritos e disse a Moisés: "Há um grito de guerra no acampamento". Respondeu ele: "Não são gritos de vitória, nem gritos de derrota: o que ouço são cantos alterados". Quando se aproximou do acampamento e viu o bezerro e as danças, Moisés acendeu-se em ira; lançou das mãos as tábuas, e quebrou-as no sopé da montanha. (*Êxodo*, XXXII, 15-19.)³⁷

Iahweh disse a Moisés: "Lavra duas tábuas de pedra, como as primeiras, sobe a mim na montanha, e eu escreverei as mesmas palavras que estavam nas primeiras tábuas, que quebraste. Fica preparado de manhã; de madrugada subirás à montanha do Sinai e lá me esperarás no cimo da montanha. Ninguém subirá contigo, e não se verá ninguém em toda a montanha. Nem as ovelhas e bois pastarão diante da montanha". Moisés lavrou duas tábuas de pedra como as primeiras, levantou-se de madrugada e subiu à montanha do Sinai, como Iahweh lhe havia ordenado, e levou nas mãos as duas tábuas de pedra. Iahweh desceu na nuvem e ali esteve junto dele. (*Êxodo*, XXXIV, 1-5.)³⁸

Os tçxtos demonstram que houve precauções visando à obtenção de fenômenos tipicamente espíritas, da modalidade de efeitos físicos. Devido às grandes proporções que estes haviam de assumir naquela ocasião, foram as precauções suscitadas inclusive ao povo.

A "nuvem espessa", mais que materialização do espírito Iahweh (Jeová), constituiu foco cumulativo de energias ectoplásmicas, as quais proporcionaram contundentes manifestações espirituais, que tinham por fim conquistar o respeito e a crença daquele povo, deveras embrutecido para compreender as grandes realidades extrafísicas.

Mas as características espíritas da fenomenologia narrada evidenciam-se ainda mais na observância de três precauções geralmente relacionadas à obtenção de bons resultados durante as ectoplasmias:

I^a - *abstinência sexual* ("não chegueis a mulher"), contribuindo para que houvesse suficiente reserva de energias ectoplásmicas, principalmente as que se

³⁵ **35** ALMEIDA. Revista e corrigida.

³⁶ **36** *A bíblia de Jerusalém.*

³⁷ **37** *Ibid.*

³⁸ **38** *Ibid.*

desarticulam do centro de força genésico;

2^a - *assepsia corporal* ("lavem eles os seus vestidos"), a fim de que bactérias e germes não contaminassem o ecto-plasma, prejudicando seus potenciais de utilização por parte de espíritos eminentemente superiores;

3^a *elevação moral* ("santifica o povo"), para que houvesse uma sintonia vibratória, mínima que fosse, pela oração, com os planos mais altos da vida.

Apesar, porém, do rigoroso preparo, o povo não pôde trespassar certos limites geográficos, e nem mesmo os sacerdotes. Tais limites coincidiam, por certo, com as fronteiras vibratórias fixadas pelos *elohim*, cuja finalidade era o isolamento do local em que eles, posteriormente denominados "anjos" ou "espíritos",³⁹ entregariam a Moisés, sob a chefia de Iahweh, a pneumatografia dos Dez Mandamentos. Se espíritos inferiores trespassassem o isolamento vibratório, prejudicariam os trabalhos espirituais, e somente poderiam fazê-lo na condição de "acólitos" de encarnados com eles vibratoriamente identificados.⁴⁰

Ressalta ainda do texto em estudo que o legislador hebreu não falava apenas com Iahweh, mas provavelmente também com outro espírito, que lhe dizia: "Vai ao povo e santifica-os hoje e amanhã, que no terceiro dia o Senhor descerá". Ou ainda: "Protesta ao povo para que não trespassasse o termo para ver o Senhor". Todavia, este outro espírito é também chamado "Senhor", o que causa confusão...

Segundo o professor Carlos J. Torres Pastorino, foram indistintamente traduzidas por "Senhor" e "Deus" as palavras "El", "Iahweh", *elohá* e *elohim*, as quais denominam o Criador e espíritos de diversas classes, desde a pureza do *elohá* Iahweh e a superioridade de seus ministros, os *elohim*, até a inferioridade dos *refaim* e *shedim*.⁴¹ Argumenta ainda, em outra parte, o afamado autor de *Minutos de sabedoria*:

Quando se trata de DEUS, O ABSOLUTO, sem forma, jamais criatura alguma poderá "vê-lo", como está escrito em *Êxodo* (33,20): "Não poderás ver minha face, porque o homem não poderá ver minha face e viver". Mas com YHWH é diferente. Falando a Moisés, Aarão e Miriam, YHWH diz-lhes: "Se entre vós houver profeta (médium), eu, YHWH, a ele me faço conhecer em visão, falo com ele em sonhos. Não é assim com meu servo Moisés: ele é fiel em toda a minha casa (a Terra). *Boca a boca* falo com ele, claramente e não em

³⁹ **39** *Atos*, VII, **53**; *Gálatas*, III, **19**, e *Hebreus*, II, **2**. Observação: Aquele "anjo" que apareceu a Comélio (*Atos*, X, **3-4**) é descrito como "espírito" (*fitos*, X, **19**) e "varão", isto é, "homem" (*fitos*, X, **30**), da mesma forma que Daniel designa o anjo Gabriel (*Daniel*, IX, **21**) e Moisés define o próprio Iahweh (*Êxodo*, XV, **3**).

⁴⁰ **40** KARDEC, *O livro dos médiuns*, **330**. ANDRÉ LUIZ (espírito), *Missionários da luz*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Cap. **10** - Materialização, pp. **109/10**.

⁴¹ **41** *La reencarnación en el Antiguo Testamento*. Revista *Spiritvs*. Dezembro/1964, pp. **19-28**.

imagens, e ele contempla a forma de YHWH". (*Números*, **12, 6-8**.)⁴²

Podemos, desse modo, melhor compreender o porquê de a Iahweh, na *bíblia*, serem atribuídas tantas inter-veniências indignas de sua pureza, bem como o porquê da existência nela do tão grande número de pretensas intervenções do próprio "Deus", com o qual Iahweh e outros espíritos, por certo, eram confundidos.

O professor Pastorino apresenta as seguintes palavras de Moisés como prova irrecusável da existência de comunicação dos hebreus com espíritos de diversas categorias:

(...) inmolaron a los SHEDIM e no a ELOHÁ, a ELOHIM desconocidos, nuevos, aparecidos ha poco, no temidos por vuestros padres. Olvidaste la ROCA que te engendro, y olvidaste a EL, que te dió el ser. Vió esto YHWH e los despreció, enojado por los hijos e las hijas. (*Deuteronomio*, XXXII, **17-19**.)⁴³

Este texto do *Velho Testamento* está assim consignado na tradução portuguesa do padre Matos Soares:

Sacrificaram aos *demônios* e não a *Deus*, a *deuses* que desconheciam; vieram *deuses* novos e recentes, que seus pais não tinham adorado. Abandonaste o *Deus* que te gerou, e esqueceste do *Senhor* teu criador. O *Senhor* viu (*isto*), e acendeu-se em ira, porque o provocaram seus filhos e filhas. (*Deuteronomio*, XXXII, **17-19**.)

O espiritismo tudo esclarece. Ensina-nos a eterna doutrina que "outrora os espíritos eram deuses para o homem".⁴⁴ Não se compreendia que nos fenômenos mediúnicos se tratava com seres humanos desencarnados - uns mais, outros menos evoluídos os quais sofriam, por isso, um processo de natural deificação (eram considerados deuses),

E assim que temos mais um grande princípio de aplicação do Salmo **82**, versículo **6**: "Vós sois deuses. E todos vós sois filhos do Altíssimo"; exatamente porque todos somos espíritos, "os seres inteligentes do universo", "filhos" de Deus, "pois que somos obra sua".⁴⁵

Narra o livro do *Gênesis*: "Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança",⁴⁶ bem como ainda: "Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal".⁴⁷ Nas modernas versões, estas assertivas aparecem atribuídas a Deus; todavia, como reza o texto primitivo, elas pertencem aos *elohim*, ou seja, aos outrora chamados "deuses": os espíritos.

E em vão, portanto, que as teologias tentam identificar a forma plural *elohim*

⁴² **42** *Sabedoria do evangelho*, Iº vol., p. **31**.

⁴³ **43** *La reencamación en el Antigo Testamento*, p. **28**.

⁴⁴ **44** *O livro dos espíritos*, **603**.

⁴⁵ **45** *Ibid.*, **77**.

⁴⁶ **46** **1,26**.

⁴⁷ **47** **III, 22...**

com a santíssima trindade, já que em *Deuteronômio*, XXXII, **17**, conforme vimos na versão castelhana para o texto do professor Pastorino, a mesma forma plural é utilizada para referir "deuses falsos", ou, como registram hoje certas versões, "deuses".⁴⁸

Somente a interpretação espírita resta coerente. Iah- weh não era Deus, o Criador, mas seu representante na Terra, um dos *elohim*. Por ser o mais evoluído, era destes o chefe, o superior hierárquico. Não sendo Deus, e sim apenas um espírito deificado, tinha sua "forma" vista por Moisés,⁴⁹ com quem falava face a face, "como um homem fala com o outro".⁵⁰

Acaso Deus tem forma e fala como um homem fala a outro?

Ao demais, está escrito: "O Senhor é *homem* de guerra; Jeová é o seu nome".⁵¹ Iahweh (Jeová), portanto, é definido pelo próprio Moisés como "homem"; exatamente da mesma forma que o profeta Daniel designou o "anjo" Gabriel: com a palavra hebraica *ich*, que significa "varão".⁵² Assim também aquele "anjo" que apareceu a Cornélio,⁵³ descrito como "espírito"⁵⁴ e "varão", isto é, "homem";⁵⁵ bem como, ainda, aquele "macedônio", ao que tudo indica, espírito encarnado, e que implorou, fora do corpo, ajuda ao apóstolo Paulo.⁵⁶

Destruídas as primeiras tábuas de pedra, nas quais foram provavelmente pneumatografados - escritos diretamente pelo espírito -, o legislador hebreu foi de novo até o monte, por ordem de Iahweh, e, materializado numa concentração ectoplásmica ("nuvem"), o excelso guia espiritual pneumatografou mais uma vez os imortais comandos.⁵⁷ Ocorreu, assim, a primeira grande revelação da lei de Deus aos homens. E pela sagrada lei da mediunidade!

⁴⁸ **48** A exemplo de *A bíblia de Jerusalém*, católica (Paulinas, **1985**), ou da versão de Almeida (revista e corrigida). Observação: A pitonisa por meio da qual o rei Saul conversou com Samuel (profeta já morto) afirma, segundo esta última versão: "Vejo deuses que sobem da terra". Porque se acreditava que os espíritos habitavam o *sheol*, imaginado abaixo da terra. (Cf. Iº *Samuel*, XXVIII, **13**.) Analisamos o fato no capítulo seis desta obra.

⁴⁹ **49** *Números*, XII, **6-8**.

⁵⁰ **50** *Êxodo*, XXXIII, **11**.

⁵¹ **51** *Êxodo*, XV, **3**. In: VIEIRA, Ismael A. R. In: *Auto-ajuda através da bíblia (para computador)*. Versão **2.01**, **1996**. Grifo nosso.

⁵² **52** *Daniel*, IX, **21**. In: *La reencamación en el Antiguo Testamento*, II - ELOHIM, p. **23**.

⁵³ **53** *Atos*, X, **3-4**.

⁵⁴ **54** *Atos*, X, **19**.

⁵⁵ **55** *Atos*, X, **30**.

⁵⁶ **56** *Atos*, XVI, **9**.

⁵⁷ **57** *Êxodo*, XXXIV, **1-5**.

Vale ressaltar que, na *Torá*, como bem observou Allan Kardec, é preciso fazermos distinção entre a lei civil: humana, mutável, obra de Moisés, e a lei divina: imutável, obra do Mais Alto.⁵⁸

MOISÉS, YAHWEH E O PROFETISMO

[...] Moisés saiu e falou ao povo as palavras de Jeová. E foi ajuntar setenta homens dos anciãos do povo e passou a fazê-los ficar de pé em volta da tenda. Jeová desceu então numa nuvem, e falou com ele, e tirou um pouco do espírito que havia sobre ele e o pôs sobre cada um dos setenta anciãos. E sucedeu que assim que o espírito pousou sobre eles, passaram então a proceder como profetas; mas não o fizeram outra vez. Ora, havia dois dos homens que tinham ficado no acampamento. O nome de um era Eldade e o nome do outro era Medade. E o espírito começou a pousar sobre eles, visto que se achavam entre os anotados, mas não tinham saído até a tenda, de modo que passaram a proceder como profetas no acampamento. E um jovem foi correndo e o comunicou a Moisés, dizendo: "Eldade e Medade estão procedendo como profetas no acampamento!". Então Josué, filho de Num, ministro de Moisés desde a sua idade viril, respondeu e disse: "Meu senhor Moisés, reprime-os!". No entanto, Moisés disse-lhe: "Tens ciúmes em meu lugar? Não; quisera eu que todo o povo de Jeová fosse profeta, porque Jeová poria seu espírito sobre eles!". Mais tarde, Moisés se retirou para o acampamento, ele e os anciãos de Israel. (*Números*, XI, **24-30**.)⁵⁹

Com relativa clareza, vemos que Moisés, iniciador espiritual de seu povo, tinha a acompanhá-lo no deserto um verdadeiro "colégio de médiuns".⁶⁰ Na "tenda da consagração", ou "da reunião", sempre armada distante do acampamento, Iahweh (Jeová) "descia numa nuvem".⁶¹ O chefe dos *elohim*⁶² materializava-se ao grande legislador numa concentração de ectoplasma.

No dia descrito, dois anciãos, Eldade e Medade, apesar de constarem dentre os "anotados" por Moisés, não foram à "tenda"; contudo, mesmo no acampamento, "procederam como profetas", ou seja, foram mediunizados, transmitindo ao povo o que os *elohim* queriam comuni- car-lhe. Em suas dinâmicas interconexões, assim

⁵⁸ **58** O evangelho segundo o espiritismo, **1:2**. A gênese, **1:22**.ik

⁵⁹ **59** Tradução do novo mundo das escrituras sagradas.

⁶⁰ **60** PIREZ, *Visão espírita da bíblia*. Artigos **5º** e **8º**.

⁶¹ **61** Êxodo, XXIX, **42-43**; XXXIII, **7-11**; Números, XII, **4-10**, e Levítico, I, **1**.

⁶² **62** Os espíritos protetores do povo hebreu. (Cf. DENIS, *No invisível*, cap. XXVI, p. **387**.)

este fenômeno é explicado pelo doutor Jorge Andréa dos Santos:

As energias psíquicas que aportam a determinado aparelho receptivo, vindas de uma entidade espiritual, por isso de correntes psíquicas individualizadas, poderão ser mais ou menos percebidas conforme a sensibilidade do aparelho receptivo. Esse processo é o que podemos denominar de processo receptivo (mediunidade), no qual a fonte de pensamento irradia para que o aparelho mais sensível e afim com suas vibrações entre em contato, em comunicação - entrosamento de campos magnéticos especiais e afins.⁶³

O exercício da mediunidade, desse modo, era recomendado apenas, digamos, no círculo iniciático, ou seja, entre os que participavam do colegiado mediúnico, que se reunia em tenda específica.

Quando instado por Josué a reprimir Eldade e Medade, o legislador hebreu não o fez. Moisés, na certa, conhecendo a ambos, sabia que não mercantilizavam o exercício mediúnico nem o secundavam de frivolidades. Manifestou então o legislador seu desejo de que todo o povo possuísse faculdades mediúnicas, quer dizer, como registra a *escritura*, de que todo o povo "fosse profeta", para agir no sentido do bem geral.

O "pouco de espírito" retirado de Moisés e posto sobre os anciãos, após o que "procederam como profetas", é alusivo a uma concentração ectoplásmica luminosa, provavelmente, entre eles repartida, fato esse, aliás, semelhante ao ocorrido com o apostolado cristão no pentecostes, cinquenta dias após a morte de Jesus.⁶⁴ Trata-se de algum processo de estímulo avaliativo de potenciais mediúnicos, porquanto os anciãos que foram à "tenda", de fato, lá profetizaram, mas, segundo a *escritura*, "não o fizeram outra vez".

Ao contrário de Eldade e Medade, os demais sessenta e oito anciãos, apesar de "anotados" por Moisés, isto é, vistos como prováveis médiuns, não eram portadores de faculdades que se pudessem notabilizar, por serem elas, talvez, muito rudimentares. Razão pela qual disse o legislador hebreu a Josué: "(...) quisera eu que todo o povo de Jeová fosse profeta, porque Jeová poria seu espírito sobre eles!".

Deduz-se desta sentença que o exercício mediúnico é condicionado, ou seja, resulta da efetiva presença de faculdade(s) específica(s), a(s) qual(is), por certo, a espiritualidade superior nunca desdenha utilizar, muito especialmente se para isso o médium concorre, mediante a submissão a adequadas disciplinas técnicas e éticas, ao que tudo indica, já ensinadas àquela época no colegiado de Moisés.

Ademais, a versão supracitada do aludido texto bíblico explicita a necessidade de que alguém "fosse profeta" para que sobre ele Jeová pusesse o seu espírito; ou

⁶³ **63** *Energética do psiquismo. Fronteiras da alma. Cap. V. Correntes psíquicas externas: emissoras e receptoras, pp. 163/4.* .

⁶⁴ **64** *Atos, II, 3.*

seja, para ser mediador entre encarnados e desencarnados, necessário ou melhor é que se tenha faculdades mediúnicas "bem caracterizadas, o que então - no dizer de Allan Kardec - depende de uma organização mais ou menos sensitiva".⁶⁵

Estudando ricas filigranas contidas em relatos bíblicos deste tipo, vemos que tinha absoluta razão o mestre lionês, ao dizer a propósito dos fenômenos espíritos e da doutrina resultante da ciência que primeiramente os tomou por objeto de estudo, ou seja, o espiritismo:

O que testemunhamos hoje não é uma descoberta moderna: é o despertar da antiguidade, mas da antiguidade liberta da companhia mísuca que engendrou as superstições, da antiguidade esclarecida pela civilização e o progresso das coisas positivas.⁶⁶

A MEDIUNIDADE DE JOSUÉ

Moisés tomou a tenda e a armou para ele, fora do acampamento, longe do acampamento. Haviam-lhe dado o nome de tenda da reunião. Quem quisesse interrogar a Iahweh, ia até a tenda da reunião, que estava fora do acampamento. Quando Moisés se dirigia para a tenda, todo o povo se levantava, cada um permanecia de pé, na entrada de sua tenda, e seguia Moisés com o olhar, até que ele entrasse na tenda. E acontecia que quando Moisés entrava na tenda, baixava numa coluna de nuvem, parava à entrada da tenda, e ele falava com Moisés. Quando o povo via a coluna de nuvem à entrada na tenda, todo o povo se levantava e cada um se prosternava à porta da própria tenda. Iahweh, então, falava com Moisés face a face, como um homem fala com o outro. Depois ele voltava para o acampamento. Mas seu servidor Josué, filho de Nun, moço ainda, não se afastava do interior da tenda. (*Êxodo, XXXIII, 7-11.*)⁶⁷

Fato este digno de nota! O jovem filho de Num (ou Nun), o mesmo que esteve com Moisés quando recebeu pela primeira vez as tábuas da lei, possuía distinta faculdade mediúnica, da modalidade de efeitos físicos. Por isso, naturalmente, Josué esteve lá.⁶⁸ Segundo a narrativa em destaque, ocorriam, como já vimos antes, manifestações de Iahweh (Jeová) a Moisés numa "coluna de nuvem", ou seja, numa concentração ectoplásmica.⁶⁹

Para o caso em estudo, podemos considerar que Josué "não se afastava do

⁶⁵ **65** *O livro dos médiuns, 159.*

⁶⁶ **66** *Revista espírita. Janeiro de 1858. Introdução, p. 3.4*

⁶⁷ **67** *A bíblia de Jerusalém.*

⁶⁸ **68** *Êxodo, XXIV, 12-13; XXXII, 15-19.*

⁶⁹ **69** *Êxodo, XXIX, 42-43; XXXIII, 7-11; Números, XII, 4-10, e Levítico, I, 1.*

interior da tenda" porque era ele o doador do ectoplasma necessário à materialização do chefe dos *elohim*, o qual, portanto, era um espírito, e não o próprio Deus. Se fosse Deus, repetimos, Moisés não poderia falar face a face com ele, "como um homem fala com o outro".

Josué, a exemplo do que acontece em geral com os médiuns portadores desse gênero de faculdade, deveria encontrar-se, durante os aludidos fenômenos, em profundo transe, necessitando, portanto, após os mesmos, de cuidadosa recuperação das forças orgânicas e, antes deles, de precatado recolhimento, com vistas a uma segura obtenção das materializações; obviamente, por isso diz a *escritura* que, nessas circunstâncias, Josué "não se afastava do interior da tenda".

O que motivou, então, as proibições de Moisés às práticas mediúnicas populares foi mesmo a mercantilização, a imperícia, a superstição e a frivolidade, as quais, em geral, caracterizavam o exercício das faculdades medianímicas nesse meio, fato repugnante para todos aqueles que sabem o de que se trata quando se entra em contato com o plano espiritual. Moisés e seu colegiado, todavia, bem conheciam essa ciência, por isso é que podiam, reservadamente, exercer o profetismo, ou seja, no caso, a mediunidade com técnicas e éucas adequadas ao sentido do bem geral.

E sucedeu que estando Josué ao pé de Jericó, levantou os seus olhos e olhou; e eis que se pôs em pé diante dele um homem que tinha na mão uma espada nua: e chegou-se Josué a ele, e disse-lhe: Es tu dos nossos, ou dos nossos inimigos? E disse ele: Não, mas venho agora como príncipe do exército do Senhor. Então Josué se prostrou sobre o seu rosto na terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu Senhor a seu servo? Então disse o príncipe do exército do Senhor a Josué: Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim. {*Josué, V, 13-15.*}⁷⁰

Eis mais uma formal consagração bíblica a determinado conteúdo do ensino espírita. Certa feita, em *O livro dos espíritos*, Allan Kardec perguntou: — *Podem alguns espíritos influenciar o general na concepção de seus planos de campanha?* -Ao que lhe responderam os espíritos superiores: "Sem dúvida alguma. Podem influenciá-lo nesse sentido, como com relação a todas as concepções".⁷¹

Josué, o general do exército dos hebreus naquela ocasião, mediante as orientações do tal "homem" que lhe apareceu (um espírito), conquistou a cidade de Jericó.

Houve, portanto, um fenômeno de vista psíquica (vidência), ou, quem sabe, mesmo de materialização, sendo mais provável, contudo, a primeira hipótese, por causa da lucidez de Josué durante o fenômeno em comento. Se fosse uma materialização, ele estaria, talvez, em sono profundo, como tudo indica que ocorria

⁷⁰ **70** ALMEIDA. Revista e corrigida.

⁷¹ **71** Item **543**.

na "tenda da reunião", quando, assistindo diante de Moisés, servia de médium de efeitos físicos às materializações de Iahweh (Jeová).

A interpretação espírita das *escrituras* lança sobre elas a luz de razões lógicas, fundadas no conhecimento científico das leis que regem o elemento espiritual em suas relações com o mundo material. O nome disso é mediunidade! As leis que dirigem esse fenômeno natural estão dimensionadas pela ciência espírita desde meados do século XIX, expostas nas obras do ínclito mestre Allan Kardec, sobretudo em *O livro dos médiuns*. Estudemo-las todas com a perseverança, o amor e o reconhecimento que merecem, como quem se certifica da presença do próprio Cristo, a cumprir finalmente sua promessa: "(...) dia virá em que não mais vos falarei por comparações, mas abertamente vos falarei a respeito do Pai".⁷²

A MEDIUNIDADE DE DAVI

Assim, Jessé fez passar sete dos seus filhos diante de Samuel; todavia, Samuél disse a Jessé: "Jeová não escolheu a estes". Por fim, Samuel disse a Jessé: "São estes todos os rapazes?". A isto ele disse: "O mais moço foi deixado fora até agora, e eis que está pastoreando as ovelhas". Então disse Samuel a Jessé: "Manda deveras trazê-lo, porque não nos assentaremos para a refeição até ele chegar". Por conseguinte mandou que viesse. Ora, ele era ruivo, rapaz de belos olhos e bem aparecido. Jeová disse então: "Levanta-te, unge-o, pois é este!". Consequentemente, Samuel tomou o chifre de óleo e ungiu-o no meio dos seus irmãos. E o espírito de Jeová começou a tornar-se ativo em Davi daquele dia em diante. Mais tarde, Samuel levantou-se e seguiu seu caminho para Ramá. E o próprio espírito de Jeová se retirou de Saul, e aterrorizou-o um espírito mau da parte de Jeová. E os servos de Saul começaram a dizer-lhe: "Eis que agora te está aterrorizando o espírito mau da parte de Deus. Por favor, ordene nosso senhor aos teus servos diante de ti que procurem um homem perito em tocar a harpa. E tem de dar-se que, vindo sobre ti o espírito mau da parte de Deus, ele terá de tocar com a sua mão e certamente te irá bem. De modo que Saul disse aos seus servos: "Providenciai-me, por favor, um homem que toque bem, e tendes de trazer-mo". E um dos seus ajudantes passou a responder e a dizer: "Eis que vi que um filho de Jessé, o belemita, é perito em tocar, e ele é homem poderoso, valente, e homem de guerra, e conversador inteligente, e homem de bom porte, e Jeová está com ele". Saul enviou então mensageiros a Jessé e disse: "Envia-me deveras Davi, teu filho, que está com o rebanho". Portanto, Jessé tomou um jumento, pão e um odre de vinho, bem como um cabritinho, e enviou-os a Saul pela mão de Davi, seu filho. Davi veio assim a Saul; e assistia diante dele; e ele chegou a amá-lo muito e veio a ser seu escudeiro. Por conseguinte, Saul mandou dizer a Jessé: "Por favor, deixa Davi

⁷² **72** João, XVI, **25**. In: ALMEIDA. Revista e atualizada.

assistir diante de mim, pois achou favor aos meus olhos". E sucedia que, vindo o espírito de Deus sobre Saul, Davi tocava a harpa e tocava com a sua mão; e havia alívio para Saul e ia-lhe bem, e o espírito mau retirava-se dele. (I^o *Samuel*, XVI, 10-23.)⁷³

Primeiramente, vemos que Samuel, sob a orientação espiritual de Jeová (Iahweh) ou algum outro dos *elohim*, investiga, pela vista psíquica (vidência), sete filhos de Jessé, que ali se encontravam, constatando que nenhum deles fora "escolhido", ou seja, que nenhum deles era portador de faculdades medianímicas ostensivas.

O mesmo não ocorreu com Davi, cujas faculdades mediúnicas foram logo denunciadas a Samuel pelo espírito Iahweh: "É este!". Diz a *escritura* que, a partir de então, "o espírito de Jeová começou a tornar-se ativo" em Davi. Evidencia-se que o espírito orientador é que suscitou, por sua vontade própria, a atividade do potencial mediúnico do mais jovem filho de Jessé. Conforme dizia o valoroso mestre lionês:

O médium não tem mais que a faculdade de se poder comunicar, mas a comunicação efetiva depende da vontade dos espíritos. Se estes não quiserem manifestar-se, aquele nada obterá; será qual instrumento sem músico que o toque.⁷⁴

Pouco se sabia naquela época sobre os espíritos, e a ideia popular do Criador era a de um Deus colérico e vingativo. Por essa razão, lemos que Saul era aterrorizado por um espírito mau, que, segundo a *bíblia* "sagrada", - pasmem! - vinha "da parte de Jeová", ou "da parte de Deus". Ora! Nem Deus nem tampouco Iahweh (Jeová) poderiam lançar sobre quem quer que fosse espíritos maus. O fato é que Saul não estava bem acompanhado espiritualmente, devido a suas práticas idólatras e vida desordenada, pelas quais entrava em franca sintonia vibratória com os *shedim* e *refaim*, ou seja, com os espíritos inferiores, num fenômeno da seguinte forma caracterizado por Allan Kardec:

A subjugação obsessional, designada outrora pelo nome *de possessão*, é um constrangimento físico exercido sempre por espíritos da pior espécie e que pode ir à neutralização do livre-arbítrio do paciente. Ela se limita, muitas vezes, a simples impressões desagradáveis; porém, muitas vezes provoca movimentos desordenados, atos insensatos, gritos, palavras injuriosas ou incoerentes, de que o subjugado, às vezes, compreende o ridículo, mas não pode abster-se.⁷⁵

Porém, quando Davi tocava a harpa "com a sua mão" - e o texto duas vezes ressalta este detalhe - exercia, sob o influxo dos bons espíritos, as suas faculdades de cura, isto é, de suas mãos fluíam as energias neutralizadoras da

⁷³ **73** Tradução do novo mundo das escrituras sagradas.

⁷⁴ **74** KARDEC, *O que é o espiritismo*. Cap. II, n.º 59.

⁷⁵ **75** *Ibid.*, n.º 73.

ação fluídica (energética) do espírito mau sobre Saul. O obsessor, então, "retirava-se", ou seja, afastava-se, causando sensação de alívio.

Estamos ante fenômenos espíritas perfeitamente caracterizados. E o que se nos apresenta no texto em destaque, desde a escolha de Davi, mediante a vista psíquica (vidência) de Samuel, até o livramento de Saul, por meio da ação magnética que o filho de Jessé exercia em auxílio do rei obsidiado, provavelmente, do tipo *humano-espiritual*, ou seja, "fluidos" (energias) de Davi e de seus guias espirituais, combinados, como ensina o mestre Allan Kardec.⁷⁶ Portanto, nenhum milagre houve; apenas a execução de leis naturais positivamente estudadas pela ciência espírita.

A maioria dos líderes religiosos, contudo, empenhados na manutenção de seus pretensos poderes intercessórios, não querem que as massas compreendam o funcionamento destas leis naturais, porque seria o fim dos seus impérios, mantidos pelas alienações míticas e místicas que o discurso biblicista desesclarecido em geral acarreta.

Sem desmentir as verdades espirituais que da *bíblia* ressaltam, o espiritismo as desmitifica, e, assim, dismantela as estruturas dos poderes injustos que, em nome de Deus e de suas leis, não são exercidos pelos homens, segundo suas mal dissimuladas ambições terrenais.

Eis por que certas religiões se voltam contra a obra de Kardec. Mas desse modo, os autoproclamados "cristãos" voltam-se contra os clarões mesmos da verdade crítica do *evangelho*, no espiritismo inapelavelmente redivivos.

A PITONISA DE ENDOR

E já Samuel era morto, e todo o Israel o tinha chorado, e o tinha sepultado em Ramá, que era a sua cidade: e Saul tinha desterrado os adivinhos e encantadores. E ajuntaram-se os filisteus e vieram, e acamparam-se em Suném: e ajuntou Saul a todo o Israel, e se acamparam em Gilboa. E, vendo Saul o arraial dos filisteus, temeu, e estremeceu muito o seu coração. E perguntou Saul ao Senhor, porém o Senhor não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por urim, nem por profetas. Então disse Saul aos seus criados: Buscai-me uma mulher que tenha o espírito de feiticeira, para que vá a ela e a consulte. E os seus criados lhe disseram: Eis que em Endor há uma mulher que tem o espírito de adivinhar. E Saul se disfarçou e vestiu outros vestidos, e foi ele e com ele dois homens, e de noite vieram à mulher; e disse: Beço-te que me adivinhes pelo espírito de feiticeira e me faças subir a quem eu te disser. Então a mulher lhe disse: Eis aqui tu sabes o que Saul fez, como tem destruído da terra os adivinhos e os encantadores: por que pois me armas um laço

⁷⁶ 76 A gênese, XIV:33.

à minha vida, para me fazer matar? Então Saul lhe jurou pelo Senhor dizendo: Vive o Senhor, que nenhum mal te sobrevirá por isso. A mulher então lhe disse: A quem te farei subir. E disse ele: Faz-me subir a Samuel. Vendo pois a mulher a Samuel, gritou em alta voz; e a mulher falou a Saul dizendo: Por que me tens enganado? pois tu mesmo és Saul. E o rei lhe disse: Não temas: porém, que é o que vês? Então a mulher disse a Saul: Vejo deuses que sobem da terra. E lhe disse: Como é a sua figura? E disse ela: Vem subindo um homem ancião, e está envolto numa capa. Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra, e se prostrou. Samuel disse a Saul: Por que me desinquietaste, fazendo-me subir? Então disse Saul: Mui angustiado estou, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim, e não me responde mais, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos; por isso te chamei a ti, para que me faças saber o que hei de fazer. Então disse Samuel: Porque pois a mim me perguntas, visto que o Senhor te tem desamparado, e se tem feito teu inimigo? Porque o Senhor tem feito para contigo como pela minha boca te disse, e tem rasgado o reino da tua mão, e o tem dado ao teu companheiro Davi. Como tu não deste ouvidos à voz do Senhor, e não executaste o fervor da sua ira contra Amaleque, por isso o Senhor te fez hoje isto. E o Senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, e amanhã tu e teus irmãos estareis comigo; e o arraial de Israel o Senhor entregará na mão dos filisteus. E imediatamente Saul caiu estendido por terra, e grandemente temeu por causa daquelas palavras de Samuel: e não houve força nele; porque não tinha comido pão todo aquele dia e toda aquela noite. (Iº Samuel, XXVIII, 3-20.)⁷⁷

A *bíblia*, indiscutivelmente, refere aqui a existência de comunicação dos "vivos" com os chamados "mortos".

Saul falou com Samuel por meio das faculdades mediúnicas de uma mulher da cidade de Endor. Nessa época aludida no texto, somente os médiuns das classes populares eram chamados "feiticeiros". Em tais classes, o exercício da mediunidade não era permitido e sofria terríveis discriminações. Nada obstante, ele se dava, pois os servos de Saul, à sua ordem, logo souberam onde encontrar a suposta "feiticeira".

As necessárias distinções de outrora, feitas por Moisés, a tal ponto se haviam cristalizado que se desvirtuaram de suas justas motivações, dando nascimento a bárbaros preconceitos. Se exercida nas classes populares, a mediunidade era "feiticeira"; se exercida nas classes dirigentes, era "profetismo".* -

Saul tentou manter contato com Jeová e seus ministros (os *elohim*), mas ele não conseguiu nem pelo "urim",⁷⁸ nem por "sonhos", nem por "profetas".⁷⁹ Resolveu, então, deixar de lado os preconceitos sociais e ir ao encontro de uma médium do

⁷⁷ **77** ALMEIDA. Revista e corrigida.

⁷⁸ **78** Antigo meio para se obterem respostas dos espíritos.

⁷⁹ **79** A época, os médiuns "oficiais".

povo. Conforme narra o texto, ele obteve resposta. E as faculdades da médium de Endor eram verdadeiras, pois assim que ela viu o espírito do profeta Samuel, imediatamente foi por ele informada do disfarce de Saul. Em seguida, veio o vaticínio da morte deste rei e da derrota de Israel perante os filisteus.

É em vão que certos religiosos tentam hoje imputar a comunicação de Samuel ao "diabo", o qual, segundo dizem, teria fingido ser o profeta morto. E igualmente em vão que tentam dizer que a causa da morte de Saul foi sua consulta à "pitonisa". A própria *bíblia* desmente essas hipóteses, e tais religiosos não as admitirão sem que desmintam o que eles mesmos chamam "palavra de Deus". Não é isso que a *bíblia* é para eles? Pois bem! Ela diz que o espírito Samuel se comunicou com Saul por meio de uma mulher em Endor. Perguntamos: a *bíblia* mente?

A "pitonisa" disse, como reza o texto primitivo, em hebraico: "Vejo 'elohim' que sobem da terra", o que constitui prova de que, realmente, os *elohim* eram espíritos humanos, entre os quais se apresentou, naquele instante, o profeta Samuel.

A época, era crença geral que os "mortos" podiam voltar do *sheol* (espécie de *hades* dos hebreus, imaginado abaixo da terra), dando-se o fato quer pela reencarnação,⁸⁰ quer pelo contato mediúnico, o que explica a dita da "pitonisa", entendendo que os *elohim* ali presentes "*subiam* da terra". Conforme sua crença, vinham eles do *sheol*.⁸¹

Segundo palavras atribuídas pelo cronista bíblico a Samuel, o rei Saul foi "castigado" porque deixou de matar o rei amalequita Agague.⁸² A *bíblia*, pois, diz que o "castigo" veio sobre Saul e sobre Israel não porque houve consulta aos mortos, mas porque - pasmem! foi poupada a vida de um inimigo.

A mulher de Endor possuía de fato mediunidade. Quanto a isso não há dúvidas. Mas certas versões bíblicas hão substituído as palavras "feiticeira" e "pitonisa" por "médium". (E há espíritas ingênuos o suficiente para acharem isso um avanço.) Desesperado intento de confundir as práticas adivinhatórias e mágicas com a prática espírita da mediunidade. Caso mais sério, porém, é o de certa versão que, ao invés de "pitonisa" ou "feiticeira", registra "médium espírita". A primeira situação não é tolerável. Esta segunda é abominável.

Na antiguidade, como sempre, houve médiuns, até mesmo bons médiuns, submissos a técnicas e éticas adequadas ao sentido do bem geral; contudo, jamais houve, propriamente ditos, "médiuns espíritas", pois estes constituem neologismos criados por Allan Kardec em meados do século XIX, necessariamente vinculados à doutrina espírita, ainda não codificada às épocas descritas na *bíblia*.

⁸⁰ **80** Do grego *anístêmi*: "tornar a ficar de pé", mas também: "regressar". Veja-se o capítulo dois da primeira parte do nosso livro *Reencarnação: lei da bíblia, lei do evangelho, lei de Deus* (Lachâtre, 1999).

⁸¹ **81** Notas *f, g* ehde *A bíblia de Jerusalém*, p. 462 -Iº *Samuel*, XXVIII, 13.19.

⁸² **82** 1º *Samuel*, XV; XXVIII, 18.

Ora! A mesma versão registra que Paulo define Moisés como “mediador” dos “anjos” na entrega da lei.⁸³ Por que Moisés também não foi, então, chamado “médium espírita”?

Consolemo-nos, porém, com a palavra do Espírito de Verdade, a única que, nas *escrituras*, podemos considerar, quando isentas de toda mescla, como vindas “de Deus”, porque pronunciadas pelo seu “médium”:⁸⁴

Não é o discípulo mais que seu mestre, nem o servo mais que seu senhor: basta ao discípulo ser como o seu mestre e ao servo como o seu senhor. Se chamaram Beelzebul ao dono da casa, quanto mais (o farão) aos seus domésticos!⁸⁵

A MEDIUNIDADE DE ELIAS

Acab convocou todos os filhos de Israel e reuniu os profetas no monte Carmelo. Elias, aproximando-se de todo o povo, disse: “Até quando claudicareis das duas pernas? Se Iahweh é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o”. E o povo não lhe pôde dar resposta. Então Elias disse ao povo: “Sou o único dos profetas de Iahweh que fiquei, enquanto às profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta. Dêem-nos dois novilhos; que eles escolham um para si e depois de esquartejá-lo o coloquem sobre a lenha, sem lhe pôr fogo. Prepararei outro novilho sem lhe pôr fogo. Invocareis depois o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome de Iahweh: o deus que responder enviando fogo, é ele o Deus”. Todo o povo respondeu: “Está bem”. Elias disse então aos profetas de Baal: “Escolhei para vós um novilho e preparai vós primeiro, pois sois mais numerosos. Invocai o nome de vosso deus, mas não acendais o fogo”. Eles tomaram o novilho e o fizeram em pedaços e invocaram o nome de Baal desde a manhã até o meio-dia, dizendo: “Baal, responde-nos”. Mas não houve voz, ninguém respondeu; e eles dançavam dobrando o joelho diante do altar que tinham feito. Ao meio-dia Elias zombou deles, dizendo: “Gritai mais alto; pois, sendo um deus, ele pode estar conversando ou fazendo negócios ou, então, viajando; talvez esteja dormindo e acordará!”. Gritaram mais forte e, segundo seu costume, fizeram incisões no próprio corpo, com espadas e lanças, até escorrer sangue. Quando passou do meio-dia, entraram em transe até a hora da apresentação da oferenda, mas não houve voz, nem resposta, nem sinal de atenção. Então Elias disse a todo o povo: “Aproximai-vos de mim”; e todo o povo se aproximou dele. Ele restaurou o altar de Iahweh que fora demolido. Tomou doze pedras, segundo o número das doze tribos dos filhos de Jacó, a quem Deus se dirigia, dizendo: “Teu nome será Israel”, e edificou com as pedras um altar ao

⁸³ **83** *Gálatas, III, 19. In: Tradução do novo mundo da esaituras sagradas.*

⁸⁴ **84** KARDEC, *A gênese*, XV:2.

⁸⁵ **85** *Mateus, X, 25. In: TORRES PASTORINO, Sabedoria do evangelho, 3º vol., p. 87.7*

nome de Iahweh. Fez em redor do altar um rego capaz de conter duas medidas de semente. Empilhou a lenha, esquartejou o novilho e colocou-o sobre a lenha. Depois disse: "Enchei quatro toalhas de água e entomai-a sobre o holocausto e sobre a lenha"; assim o fizeram. E ele disse: "Fazei-o de novo", e eles o fizeram. E acrescentou: "Fazei-o pela terceira vez", e eles o fizeram. A água se espalhou em tomo do altar e inclusive o rego ficou cheio d'água. Na hora em que se apresentou a oferenda, Elias, o profeta, aproximou-se e disse: "Iahweh, Deus de Abraão, de Isaac e de Israel, saiba-se hoje que tu és Deus em Israel, que sou teu servo e que foi por ordem tua que fiz todas estas coisas. Responde-me, Iahweh, responde-me, para que este povo reconheça que és tu, Iahweh, o Deus, e que convertes os corações deles!". Então caiu o fogo de Iahweh, e consumiu o holocausto e a lenha, secando a água que estava no rego. Todo o povo o presenciou; prostrou-se com o rosto em terra, exclamando: "E Iah- weh que é Deus! É Iahweh que é Deus!". Elias lhes

disse: "Prendei os profetas de Baal; que nenhum deles escape!"; e eles os prenderam. Elias fê-los descer para perto da torrente do Quison e lá os degolou. (Iº Reis, XVIII, 20-40.)⁸⁶

Este clássico episódio da *bíblia* também inclui, como tantos outros, relatos de fenômenos espíritos, da modalidade de efeitos físicos.

Certos tipos de ectoplasma resultam às vezes em combustão, insólito fenômeno hoje conhecido por para- pirogenia. Segundo uma opinião, esse fenômeno seria devido a grandes concentrações de fósforo em determinados materiais ectoplásmicos.

Elias, ao que tudo indica, era dotado de faculdades mediúnicas bem caracterizadas, das quais, certamente, os espíritos superiores não desdenharam valer-se, com a finalidade, como sempre, de chamar os homens ao cumprimento dos estatutos divinos.

Assim, a combustão do holocausto, daquela forma tão espetacular, dnha por objetivo reconduzir o povo ao culto de seus antepassados, fazendo que eles abandonassem as práticas idólatras. Constata-se que a espiritualidade precisava ainda, como na época de Moisés, falar aos sentidos daqueles homens brutalizados, para que o discernimento se ajustasse convenientemente, tanto quanto possível.

Porém, como a narrativa assegura, a vontade suprema do quinto comando - Não matarás! - foi mais uma vez desprezada. O próprio Elias deixou-se tomar pela ira do ressentimento, frustrando, por certo, os planos de Iahweh naquela ocasião. Ao invés de exortar os idólatras e sanguinários profetas ao arrependimento ou, simplesmente, deixar que a própria sensação de derrota lhes revelasse o poder benigno do Senhor da Terra, Elias deliberou, com o apoio da massa fanatizada, o assassinio dos adoradores de Baal.

⁸⁶ 86. *A bíblia de Jerusalém.*

Novamente se cumpririam os dizeres da *escritura*, que o profeta bem conhecia: "Quem derrama o sangue do homem, pelo homem terá seu sangue derramado. Pois à imagem de Deus o homem foi feito".⁸⁷ E Elias não escapou a essa inexorável justiça distributiva. Ao retornar ao mundo físico na figura de João Batista, foi ele também degolado,⁸⁸ e quem o afirma é Jesus.⁸⁹

O profundo padecer de Elias, todavia, iniciou-se já naquela existência. Viveu o profeta sob intensa perseguição, em constantes perigos. Entre uma angústia e outra, chegou ele a desejar a morte.

Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito, e como matara à espada todos os profetas. Então Jezabel mandou um mensageiro a Elias, a dizer-lhe: Assim me façam os deuses, e outro tanto, se até amanhã a estas horas eu não fizer a tua vida como a de um deles. Quando ele viu isto, levantou-se e, para escapar com vida, se foi. E chegando a Ber-seba, que pertence a Judá, deixou ali o seu moço. Ele, porém, entrou pelo deserto caminho de um dia, e foi sentar-se debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte, dizendo: Já basta, ó Senhor; toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais.

E deitando-se debaixo do zimbro, dormiu; e eis que um anjo o tocou, e lhe disse: Levanta-te e come. Ele olhou, e eis que à sua cabeceira estava um pão cozido sobre as brasas, e uma botija de água. Tendo comido e bebido, tornou a deitar-se. O anjo do Senhor veio segunda vez, tocou-o, e lhe disse: Levanta-te e come, porque demasiado longa te será a viagem. Levantou-se, pois, e comeu e bebeu; e com a força desse alimento caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus. Ali entrou numa caverna, onde passou a noite. E eis que lhe veio a palavra do Senhor, dizendo: Que fazes aqui, Elias? Respondeu ele: Tenho sido muito zeloso pelo Senhor Deus dos exércitos; porque os filhos de Israel deixaram o teu pacto, derrubaram os teus altares, e mataram os teus profetas à espada; e eu, somente eu, fiquei, e buscam a minha vida para me tirarem. (I^o Reis, XIX, 1-10.)⁹⁰

O aparecimento do pão e da botija de água, a ciência espírita o cataloga entre os fenômenos de "transporte", por meio dos quais os espíritos deslocam algo material de um lugar para outro.⁹¹ É interessante notarmos a identidade existente entre as circunstâncias assinaladas por Allan Kardec para as ocorrências desse tipo

⁸⁷ **87** *Gênesis, IX, 6. In: A bíblia de Jerusalém.*

⁸⁸ **88** *Mateus, XIV, 8-10.*

⁸⁹ **89** *Mateus, XI, 12-15; XVII, 12-13. Observação: Veja-se o capítulo vinte do nosso livro Reencarnação: lei da bíblia, lei do evangelho, lei de Deus (Lachâtre, 1999).*

⁹⁰ **90** VIEIRA, Ismael A. R. *In: AiUo-ajuda através da bíblia (para computador). Versão 2.01, 1996.*

⁹¹ **91** KARDEC, *O livro dos médiuns, 96 a 99.*

de fenomenologia e as em que ela aconteceu com o profeta Elias:

O fenômeno de transporte apresenta uma particularidade notável, e é que alguns médiuns só o obtêm em estado sonambúlico, o que facilmente se explica. Há no sonâmbulo um desprendimento natural, uma espécie de isolamento do espírito e do perispírito, que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. Tal o caso dos transportes de que temos sido testemunha.⁹²

Realmente, segundo a *escritura*, após adormecer é que Elias sentiu-se — duas vezes! - tocado por um anjo. É mesmo digno de nota, pois, o papel que os estados do sono têm, como o assegura o mestre lionês, nas comunicações com o além-túmulo. Fatos desse tipo ocorrem no limiar das delicadas fronteiras vibratórias erigidas entre a percepção física e a extrafísica. Nos instantes de sono, afrouxam-se os laços que aprisionam à carne o espírito; ele se liberta parcialmente, entrando noutra esfera de sensações, articulando e desarticulando energias cujos potenciais e aplicabilidades estão além de uma compreensão mais imediata.

Mas teria sido mera ilusão? Uma trama psíquica engendrada pela solidão e pelo desespero de Elias? O fato é que o alimento, antes inexistente, agora sustentaria o tisbita por longo tempo no deserto. Aquele que desejara a morte fora por um mensageiro divino convidado à manutenção da vida.

Considerando-se a narrativa, vê-se ainda que o pão e a água transportados pelo anjo (espírito)⁹³ até o lugar onde estava Elias possuíam algo incomum, porquanto teriam sustentado o profeta por quarenta dias e quarenta noites. Levando-se, porém, em conta as seguintes palavras do codificador do espiritismo, a admiração causada por fatos assim reduz consideravelmente:

[...] Pois que ao espírito é possível tão grande ação sobre a matéria elementar, concebe-se que lhe seja dado não só formar substâncias, mas também modificar-lhes as propriedades, fazendo para isto a sua vontade o efeito de reativo.

Esta teoria nos fornece a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas inexplicado até hoje: o da mudança das propriedades da água, por obra da vontade.⁹⁴

[...] substâncias, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de reservatório.⁹⁵

O texto a seguir, salvo certos conteúdos evidentemente míticos, narra também fenômenos bastante interessantes:

[...] Elias, o tisbita, que habitava em Gileade, disse a Acabe: Vive o Senhor,

⁹² **92** *Ibid.*, **99**.

⁹³ **93** Cf. nota **39**.

⁹⁴ **94** *O livro dos médiuns*, **131** e **132**.

⁹⁵ **95** *A gênese*, **XV:25**.

Deus de Israel, em cuja presença estou, que nestes anos não haverá orvalho nem chuva, senão segundo a minha palavra. Depois veio a Elias a palavra do Senhor, dizendo: Retira-te daqui, vai para a banda de oriente, e esconde-te junto ao ribeiro de Querite, que está ao oriente do Jordão. Beberás do ribeiro; e eu tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem. Partiu, pois, e fez conforme a palavra do Senhor; foi habitar junto ao ribeiro de Querite, que está ao oriente do Jordão. E os corvos lhe traziam pão e carne pela manhã, como também pão e carne à tarde; e ele bebia do ribeiro. Mas, decorridos alguns dias, o ribeiro secou, porque não tinha havido chuva na terra. Veio-lhe então a palavra do Senhor, dizendo: Levanta-te, vai para Sarepta, que pertence a Sidom, e habita ali; eis que eu ordenei a uma mulher viúva ali que te sustente.

Levantou-se, pois, e foi para Sarepta. Chegando ele à porta da cidade, eis que estava ali uma mulher viúva apanhando lenha; ele a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, num vaso um pouco d'água, para eu beber. Quando ela ia buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me também um bocado de pão contigo. Ela, porém, respondeu: Vive o Senhor teu Deus, que não tenho nem um bolo, senão somente um punhado de farinha na vasilha, e um pouco de azeite na botija; e eis que estou apanhando uns dois gravetos, para ir prepará-lo para mim e para meu filho, a fim de que o comamos, e morramos. Ao que lhe disse Elias: Não temas; vai, faze como disseste; porém, faze disso primeiro para mim um bolo pequeno, e traze-mo aqui; depois o farás para ti e para teu filho. Pois assim diz o Senhor Deus de Israel: A farinha da vasilha não se acabará, e o azeite da botija não faltará, até o dia em que o Senhor dê chuva sobre a terra. Ela foi e fez conforme a palavra de Elias; e assim comeram, ele, e ela e a sua casa, durante muitos dias. Da vasilha a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou, conforme a palavra do Senhor, que ele falara por intermédio de Elias. Depois destas coisas aconteceu adoecer o filho desta mulher, dona da casa; e a sua doença se agravou tanto, que nele não ficou mais fôlego. Então disse ela a Elias: Que tenho eu contigo, ó homem de Deus? Vieste tu a mim para trazeres à memória a minha iniquidade, e matares meu filho? Respondeu-lhe ele: Dá-me o teu filho. E ele o tomou do seu regaço, e o levou para cima, ao quarto onde ele mesmo habitava, e o deitou em sua cama. E, clamando ao Senhor, disse: Senhor, meu Deus, até sobre esta viúva, que me hospeda, trouxeste o mal, matando-lhe o filho? Então se estendeu sobre o menino três vezes, e clamou ao Senhor, dizendo: Senhor meu Deus, faze que a vida deste menino torne a entrar nele. O Senhor ouviu a voz de Elias, e a vida do menino tornou a entrar nele, e ele reviveu. E Elias tomou o menino, trouxe-o do quarto à casa, e o entregou a sua mãe; e disse Elias: Vês aí, teu filho vive. Então a mulher disse a Elias: Agora sei que tu és homem de Deus, e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade. (I^o Reis, XVII, 1-24.)⁹⁶

⁹⁶ 96 VIEIRA, Ismael A. R. *In: Auto-ajuda através da bíblia (para computador).*

É sabido que os espíritos têm ação sobre os fenômenos da natureza.⁹⁷ Não seria impossível o profeta estar espiritualmente informado de um período de seca que sobreviria à região aludida. Quanto ao fato de Elias ter-se alimentado de pão e carne nas circunstâncias referidas, o fenômeno de transporte, por certo, justifica-o bem mais razoavelmente do que um "serviço de entrega" atribuído a corvos. Outra explicação não há, igualmente, para a fatura de provisões em Sarepta, mais precisamente, na casa da viúva que abrigou o profeta.

No que respeita à "volta" do menino à vida, certamente, pertence aos fenômenos de cura psíquica, que nada hoje têm de tão surpreendentes, tantos são os casos registrados. Mais dignos de surpresa são os fatos que secundaram a partida de Elias, assim descritos:

Quando o Senhor estava para tomar Elias ao céu num redemoinho, Elias partiu de Gilgal com Eliseu. Disse Elias a Eliseu: Fica-te aqui, porque o Senhor me envia a Betei. Eliseu, porém disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te deixarei. E assim desceram a Betei. Então os filhos dos profetas que estavam em Betei saíram ao encontro de Eliseu, e lhe disseram: Sabes que o Senhor hoje tomará o teu senhor por sobre a tua cabeça? E ele disse: Sim, eu o sei; calai-vos. E Elias lhe disse: Eliseu, fica-te aqui, porque o Senhor me envia a Jericó. Ele, porém, disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te deixarei. E assim vieram a Jericó. Então os filhos dos profetas que estavam em Jericó se chegaram a Eliseu, e lhe disseram: Sabes que o Senhor hoje tomará o teu senhor por sobre a tua cabeça? E ele disse: Sim, eu o sei; calai-vos. E Elias lhe disse: Fica-te aqui, porque o Senhor me envia ao Jordão. Mas ele disse: Vive o Senhor, e vive a tua alma, que não te deixarei. E assim ambos foram juntos. E foram cinquenta homens dentre os filhos dos profetas, e pararam defronte deles, de longe; e eles dois pararam junto ao Jordão. Então Elias tomou a sua capa e, dobrando-a, feriu as águas, as quais se dividiram de uma à outra banda; e passaram ambos a pé enxuto. Havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti. E disse Eliseu: Peço-te que haja sobre mim dobrada porção de teu espírito. Respondeu Elias: Coisa difícil pediste. Todavia, se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não, não se fará. E, indo eles caminhando e conversando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho. O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai! o carro de Israel, e seus cavaleiros! E não o viu mais. Pegou então nas suas vestes e as rasgou em duas partes; tomou a capa de Elias, que dele caíra, voltou e parou à beira do Jordão. Então, pegando da capa de Elias, que dele caíra, feriu as águas e disse: Onde está o Senhor, o Deus de Elias? Quando feriu as águas, estas se dividiram de uma à outra banda, e Eliseu passou. Vendo-o, pois, os filhos dos

Versão **2.01, 1996.**

⁹⁷ **97** KARDEC, *O livro dos espíritos*, **536 a 540.**

profetas que estavam defronte dele em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. E vindo ao seu encontro, inclinaram-se em terra diante dele. E disseram-lhe: Eis que entre os teus servos há cinquenta homens valentes. Deixa-os ir, pedimos-te, em busca do teu senhor; pode ser que o Espírito do Senhor o tenha arrebatado e lançadoalgum monte, ou nalgum vale. Ele, porém, disse: Não os envieis. Mas insistiram com ele, até que se envergonhou; e disse-lhes: Enviai. E enviaram cinquenta homens, que o buscaram três dias, porém não o acharam. Então voltaram para Eliseu, que ficara em Jericó; e ele lhes disse: Não vos disse eu que não fôsseis? (**2^o Reis, II, 1-18.**)⁹⁸

Deixando à parte as interpretações literalistas dos elementos evidentemente míticos, ressaltam do texto crenças não totalmente destituídas de fundamento. E de se notar que tanto em Betei como em Jericó Eliseu foi avisado de que Elias seria "tomado" pelo Senhor, por sobre a sua cabeça. Pode-se aí ver casos de precognição. Quanto às águas do rio Jordão em duas bandas divididas...

Mas o que teria acontecido a Elias? A opinião vulgar de que o profeta não teria morrido se opõe uma outra, fortíssima por sua autoridade: o próprio Jesus afirmou ser João Batista animado pelo mesmo espírito que fora Elias.⁹⁹ Ora! O espírito não se pode reencarnar sem estar necessariamente privado de corpo físico, e essa falta só a morte pode facultá-la. Se João Batista nasceu, viveu e morreu é que constituía um ser humano como qualquer outro. Somando-se a este fato a afirmativa de Jesus, de que ele mesmo, João Batista, era Elias, isto é, reencarnado, forçoso é concluir-se que o antigo tisbita se viu, de alguma forma, privado de seu corpo material; ou seja, houve para ele a morte biológica.

A narrativa diz que Elias e Eliseu estavam "caminhando e conversando", quando um "carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho".

Segundo uma opinião, Eliseu teria visto a separação entre o corpo físico e o perispírito de Elias, justificadas a alusão a "carros de fogo" e "subida ao céu" pela luminosidade espiritual do profeta... Entretanto, julgamos ser pouco razoável atribuir-se a um espírito deprimido e responsável por numerosos crimes tamanha luminosidade, apesar de sua condição de profeta. A narrativa, a nosso ver, ajusta-se mais a um desses terríveis casos de autocombustão, aplicável a pessoas na situação psicológica de Elias: desolação, angústia, inconformação, e, muito provavelmente, fortíssimo sentimento de culpa. E o que se deduz destes passos:

⁹⁸ **98** VIEIRA, Ismael A. R. *In: Auto-ajuda através da bíblia (para computador)*. Versão **2.01, 1996**.

⁹⁹ **99** *Mateus, XI, 12-15; XVII, 12-13*. Observação: Veja-se o capítulo vinte do nosso livro *Reencarnação: lei da bíblia, lei do evangelho, lei de Deus* (Lachâtre, **1999**).

[...] entrou pelo deserto caminho de um dia, e foi sentar-se debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte, dizendo: Já basta, ó Senhor; toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais. (*I^o Reis, XIX, 4.*)¹⁰⁰

E eis que lhe veio a palavra do Senhor, dizendo: Que fazes aqui, Elias? Respondeu ele: Tenho sido muito zeloso pelo Senhor Deus dos exércitos; porque os filhos de Israel deixaram o teu pacto, derrubaram os teus altares, e mataram os teus profetas à espada; e eu, somente eu, fiquei, e buscam a minha vida para matarem. (*I^o Reis, XIX, 9-10.*)¹⁰¹

Os potenciais mediúnicos que haviam sido conferidos a Elias tão-só para resultarem no bem, uma vez redundando em tantos males, voltaram-se contra ele mesmo, provavelmente, em consequência de uma forte autocensura. Interessante é notar que, desse insólito processo psicossomático, somente a capa de Elias restou, mais ou menos como acontece nos fenômenos combustão humana - só o corpo é atingido, quase sempre nada ocorrendo ao vestuário e aos objetos de uso pessoal.

Foi assim, a nosso ver, que fenômenos espíritas, inegavelmente reais, ainda que algo aclimatados, como sói acontecer na *bíblia*, ao prestígio do mito, terminaram por engendrar uma narrativa de impressão lendária, mas cuja essência é, sem dúvida, verdadeira.

A MEDIUNIDADE DE SAMUEL

o menino Samuel servia ao Senhor perante Eli. E a palavra do Senhor era muito rara naqueles dias; as visões não eram frequentes. Sucedeu naquele tempo que, estando Eli deitado no seu lugar (ora, os seus olhos começavam já a escurecer, de modo que não podia ver), e ainda não se havendo apagado a lâmpada de Deus, e estando Samuel também deitado no templo do Senhor, onde estava a arca de Deus, o Senhor chamou: Samuel! Samuel! Ele respondeu: Eis-me aqui. E correndo a Eli, disse-lhe: Eis-me aqui, porque tu me chamaste. Mas ele disse: Eu não te chamei; toma a deitar-te. E ele foi e se deitou. Tomou o Senhor a chamar: Samuel! E Samuel se levantou, foi a Eli e disse: Eis-me aqui, porque tu me chamaste. Mas ele disse: Eu não te chamei, filho meu; torna a deitar-te. Ora, Samuel ainda não conhecia ao Senhor, e a palavra do Senhor ainda não lhe tinha sido revelada. O

¹⁰⁰ **100** VIEIRA, Ismael A. R. *In: Auto-ajuda através da bíblia (para computador).*
Versão **2.01, 1996.**

¹⁰¹ **101** *Ibid.*

Senhor, pois, tomou a chamar a Samuel pela terceira vez. E ele, levantando-se, foi a Eli e disse: Eis-me aqui, porque tu me chamaste. Então entendeu Eli que o Senhor chamava o menino. Pelo que Eli disse a Samuel: Vai deitar-te, e há de ser que, se te chamar, dirás: Fala, Senhor, porque o teu servo ouve. Foi, pois, Samuel e deitou-se no seu lugar. Depois veio o Senhor, parou e chamou como das outras vezes: Samuel! Samuel! Ao que respondeu Samuel: Fala, porque o teu servo ouve. Então disse o Senhor a Samuel: Eis que vou fazer uma coisa em Israel, a qual fará tinir ambos os ouvidos a todo o que a ouvir. Naquele mesmo dia cumprirei contra Eli, de princípio a fim, tudo quanto tenho falado a respeito da sua casa. Porque já lhe fiz: saber que hei de julgar a sua casa para sempre, por causa da iniquidade de que ele bem sabia, pois os seus filhos blasfemavam a Deus, e ele não os repreendeu. Portanto, jurei à casa de Eli que nunca jamais será expiada a sua iniquidade, nem com sacrifícios, nem com ofertas. Samuel ficou deitado até pela manhã, e então abriu as portas da casa do Senhor; Samuel, porém, temia relatar essa visão a Eli. Mas chamou Eli a Samuel, e disse: Samuel, meu filho! Ao que este respondeu: Eis-me aqui. Eli perguntou-lhe: Que te falou o Senhor? peço-te que não mo encubras; assim Deus te faça, e outro tanto, se me encobrires alguma coisa de tudo o que te falou. Samuel, pois, relatou-lhe tudo, e nada lhe encobriu. Então disse Eli: Ele é o Senhor, faça o que bem parecer aos seus olhos. Samuel crescia, e o Senhor era com ele e não deixou nenhuma de todas as suas palavras cair em terra. E todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado *como* profeta do Senhor. E voltou o Senhor a aparecer em Siló; porquanto o Senhor se manifestava a Samuel em Siló pela sua palavra. E chegava a palavra de Samuel a todo o Israel. (Iº Samuel, III, 1-21.)¹⁰²

Samuel, como já vimos antes, pôde, pela vista e audição psíquicas, identificar a mediunidade de Davi. O texto supracitado constitui o relato de como se revelaram tais faculdades em Samuel: por meio de manifestações, a princípio, auditivas, em que o "Senhor", ou seja, "Iah-weh",¹⁰³ chamava-o pelo nome.

Samuel estava "deitado". O seu estado, provavelmente, era o de sono, ou sonolência. Liberto, pois, do corpo físico, Samuel entendeu, por três vezes, que Eli, o sacerdote, é que o chamava; no entanto, não era isso a ocorrer. Na verdade, Iahweh, ou algum outro dos *elohim*, intentava comunicar-se com Samuel. Acordando, isto é, voltando ao corpo físico, algo exasperado, Samuel como que desfazia a delicada "sintonia" estabelecida entre ele e o espírito comunicante.

Vendo que se tratava de um fenômeno mediúnico, e considerando que "a palavra do Senhor era muito rara naqueles dias; as visões não eram frequentes", o sacerdote Eli, de pronto, estimulou Samuel a travar diálogo com a entidade: "Vai deitar-te, e há de ser que, se te chamar, dirás: Fala, Senhor, porque o teu servo

¹⁰² **102** *Ibid.*

¹⁰³ **103** Conforme registrado em *A bíblia de Jerusalém*.

ouve". Orientado desse modo, Samuel livrou-se do condicionamento psicológico - aliás, muito natural - de sua posição de servidor, isto é, de aprendiz: a preocupação em atender ao chamado daquele a quem obedecia no desempenho de tarefas específicas.

Voltando Samuel, por ordem de Eli, a deitar-se, emancipou-se novamente do corpo físico, e, ouvindo chamarem-no mais uma vez, sabia agora não se tratar do sacerdote. Assim, não se desfez a delicada "sintonia" com Iahweh. Estando Samuel liberto do condicionamento de ter de voltar ao corpo para obedecer a Eli, permaneceu, desta feita, fora dele, a fazer exatamente o que o sacerdote recomendara.

Descrevendo o que aconteceu no cenário extrafísico, espiritual, a *escritura*, com requinte de detalhes, assegura: "Depois *veio* o Senhor, *parou* e chamou como das outras vezes: Samuel! Samuel! Ao que respondeu Samuel: Fala, porque o teu servo ouviu". Os verbos "veio" e "parou", que contêm noção de movimento, indicam que Iahweh foi ao encontro de Samuel. O jovem profeta estava provavelmente fora do corpo, momento em que não apenas ouviu o espírito, mas, decerto, chegou a vê-lo, guardando desse fato lembrança ao acordar. Diz a *escritura* que ele "temia relatar essa *visão* a Eli", ou, conforme registra outra versão: "(...) tinha medo de contar a Eli a *aparicção*".¹⁰⁴

ELIFAZ VÊ UM ESPÍRITO

É conhecido o extraordinário conteúdo filosófico deste livro maravilhoso do *Velho Testamento*, que é *Jó*. Repentinamente acometida por várias desgraças, esta personagem escriturística, nos diálogos que trava com três outras, muito nos faz refletir sobre nossa condição terrena.¹⁰⁵ Contudo, interessam-nos aqui certos dizeres de Elifaz, uma das personagens que se dirige a *Jó* para lhe falar a respeito dos sofrimentos que o atingiam e de suas possíveis causas:

Então respondeu Elifaz, o temanita, e disse: Se alguém intentar falar-te, enfadar-te-ás? Mas quem poderá conter as palavras? Eis que tens ensinado a muitos, è tens fortalecido as mãos fracas. As tuas palavras têm sustentado aos que cambaleavam, e os joelhos desfalecentes tens fortalecido. Mas agora que se trata de ti, te enfadas; e, tocando-te a ti, te desanimas. Porventura não está a tua confiança no teu temor de Deus, e a tua esperança na integridade dos teus caminhos? Lembra-te agora disto: qual o inocente que jamais pereceu? E onde foram os retos destruídos? Conforme tenho visto, os que lavram

¹⁰⁴ **104** Iº *Samuel*, III, **15**. In: *Tradução do novo mundo das escrituras sagradas*. Grifo nosso.

¹⁰⁵ **105** Veja -se o capítulo dez do nosso livro *Reencamação: lei da bíblia, lei do evangelho, lei de Deus* (Lachâtre, **1999**).

iniquidade e semeiam o mal chegam ao mesmo. Pelo sopro de Deus perecem, e pela rajada da sua ira são consumidos. Cessa o rugido do leão, e a voz do leão feroz; os dentes dos leõezinhos se quebram. Perece o leão velho por falta de presa, e os filhotes da leoa andam dispersos. Ora, uma palavra se me disse em segredo, e os meus ouvidos perceberam um sussurro dela. Entre pensamentos nascidos de visões noturnas, quando cai sobre os homens o sono profundo, sobrevieram-me o espanto e o tremor, que fizeram estremecer todos os meus ossos. Então um espírito passou por diante de mim; arrepiaram-se os cabelos do meu corpo. Parou ele, mas não pude discernir a sua aparência; um vulto estava diante dos meus olhos; houve silêncio, então ouvi uma voz que dizia: Pode o homem mortal ser justo diante de Deus? Pode o varão ser puro diante do seu Criador? Eis que Deus não confia nos seus servos, e até a seus anjos atribui loucura; quanto mais aos que habitam em casas de lodo, cujo fundamento está no pó, e que são esmagados pela traça! Entre a manhã e a tarde são destruídos; perecem para sempre sem que disso se faça caso. Se dentro deles é arrancada a corda da sua tenda, porventura não morrem, e isso sem atingir a sabedoria? *Jó, IV, 1-21.*)¹⁰⁶

Primeiramente, o texto encerra uma reflexão acerca da igualdade de todos os seres vivos perante a fatalidade da morte. No entanto, a partir de certo momento, Elifaz menciona palavras cujo sussurro diz ter ouvido durante o sono, assim como refere ainda visões noturnas.

Notam-se também aqui as relações existentes entre os estados do sono e os contatos com o além-túmulo. Elifaz estava ainda perturbado, entre os pensamentos nascidos das visões que tivera durante o aludido sono, e foi então que - assegura-o a narrativa bíblica - ele viu passar diante de si "um espírito". Por não distinguir sua fisionomia, Elifaz concluiu pela presença de "um vulto", cuja voz, todavia, ele pôde ouvir bem.

É digno de nota que, da mesma forma que Iahweh se comunicou com Samuel, valendo-se do estado de sono deste último, este espírito não identificado no *Livro de Jó* entrou em contato com Elifaz. As narrativas bíblicas atribuem claras noções de movimento a ambos os espíritos, provando ser deles a iniciativa da comunicação.¹⁰⁷ As únicas diferenças estão, ao que tudo indica, nas categorias dessas entidades e no fato de que Samuel permaneceu fora do corpo durante o contato, ao passo que Elifaz estava acordado.

Julgando das coisas ditas e das sensações que sua presença provocou no

¹⁰⁶ **106** VIEIRA, Ismael A. R. *Auto-ajuda através da bíblia (para computador)*. Versão **2.01, 1996**.

¹⁰⁷ **107** I^o *Samuel*, III, **10**. *Jó*, IV, **15-16**.

interlocutor de Jó - espanto, tremor de ossos e arrepios —, não se tratava, por certo, de um espírito elevado. Nem por isso, contudo, deixa de haver em suas palavras finais uma importantíssima referência: "Se dentro deles [isto é, dos homens] é arrancada a corda da sua tenda, porventura não morrem?". Apesar de atrasado, faz menção o espírito a um fato bem corriqueiro para os desencarnados: identificarem os encarnados mediante a presença de uma espécie de "corda" que os mantêm ligados à "tenda", isto é, à vestimenta de carne: seu corpo físico; no caso, quando adormecido.¹⁰⁸ Se houver dúvidas quanto ao sentido, aqui, da palavra "tenda", basta a lembrança dos seguintes dizeres de Pedro, nos quais se refere ao seu corpo físico como a uma "tenda" da alma:

Entendo que é justo despertar-vos com admoestações, enquanto estou nesta tenda terrena, sabendo que brevemente hei de despojar-me dela, como, aliás, nosso Senhor Jesus Cristo me revelou. (2ª Pedro, I, 13-14.)¹⁰⁹

A RUPTURA DA CADEIA DE PRATA

Lembra-te também do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos em que dirás: Não tenho prazer neles; antes que se escureçam o sol e a luz, e a lua, e as estrelas, e tomem a vir as nuvens depois da chuva; no dia em que tremerem os guardas da casa, e se curvarem os homens fortes, e cessarem os moedores, por já serem poucos, e se escurecerem os que olham pelas janelas, e as portas da tua casa se fecharem; quando for baixo o ruído da moedura, e nos levantarmos à voz das aves, e todas as filhas da música ficarem abatidas; como também quando temerem o que é alto, e houver espantos no caminho; e florescer a amendoeira, e o gafanhoto for um peso, e falhar o desejo; porque o homem se vai à sua casa eterna, e os pranteadores andarão rodeando pela praça; antes que se rompa a cadeia de prata, ou se quebre o copo de ouro, ou se despedace o cântaro junto à fonte, ou se desfaça a roda junto à cisterna, e o pó volte para a terra como o era, e o espírito volte a Deus que o criou. Vaidade de vaidades, diz o pregador, tudo é vaidade. (Eclesiastes, XII, 1-8.)¹¹⁰

Já vimos que, apesar de a crítica histórica contestar o fato de ser o Eclesiastes da autoria de Salomão, por efeito da presença de palavras introduzidas no hebraico apenas depois do cativeiro em Babilônia, e ressalvadas ainda, diríamos também, algumas instruções algo deslocadas, devidas talvez a más captações

¹⁰⁸ **108** No capítulo seguinte, examinamos detalhadamente o assunto.

¹⁰⁹ **109** *A bíblia de Jerusalém*. Grifo nosso. Observação: O professor Carlos J. Torres Pastorino chama a atenção para o versículo **13**: "(...) enquanto estou nesta **TENDA DE VIAGEM** (...)". (Cf. *Sabedoria do evangelho*, 1º vol., p. **8**.)

¹¹⁰ **110** VIEIRA, Ismael A. R. *Auto-ajuda através da bíblia (para computador)*. Versão 2.01, 1996.

mediúnicas, o livro não deixa de expressar a marcante influência espiritual do Rei Sábio, conforme o atesta seu primeiro versículo: "Palavra do Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém".¹¹¹

Isto porque, como o assegura o ilustre professor Pastorino, o *Eclesiastes* é um livro de natureza mediúnica, ditado por Salomão (espírito) a um médium (profeta) não identificado. O insigne teólogo justifica sua tese ao citar o versículo doze do capítulo primeiro: "Eu, o Pregador, fui rei de Israel em Jerusalém". Ora! Em vida, Salomão jamais poderia dizer "fui rei", porquanto ele morreu nessa condição. Contudo, se imaginarmos que se trata de um espírito, referindo-se, por um médium, a sua encarnação passada, na qual fora rei, tudo se aclara.

Em complementação à tese de Pastotino, concluímos que as palavras do período aludido pela crítica histórica, as quais provariam não ser o filho de Davi autor do *Eclesiastes*, Salomão (espírito) encontrou-as na mente do instrumento (médium) do qual se servia. Trata-se de filigrana anímica do fenômeno espiritual mediúnico, perfeitamente explicada no número 255 de *O livro dos médiuns*.¹¹²

O texto bíblico em destaque alude ao processo de envelhecimento; portanto, em última análise, reporta-se a uma visão de progressiva partida do homem para sua "casa eterna": o plano espiritual.

Ao fim de sua descrição, o autor, que é um espírito desencarnado (Salomão), constrói várias imagens para figurar a libertação da alma, definindo, do ponto de vista extrafísico, o fenômeno da morte. Uma dessas imagens guarda inacreditável identidade com os dizeres do espírito que se apresentou a Elifaz, a respeito da "corda" que prende o homem (espírito) à sua "tenda", isto é, ao seu corpo.¹¹³ Quando Salomão se refere à separação definitiva entre o corpo e a alma, ao dizer: "antes que se rompa a cadeia de prata", reporta-se exatamente à mesma situação descrita por aquele espírito desencarnado a Elifaz.

Se a diferença, porém, entre as palavras "corda" e "cadeia" suscitar alguma objeção nos menos sensíveis às questões de semântica, leia-se o texto de outra versão bíblica: "antes que se remova a corda de prata".¹¹⁴ Esta versão, aliás, empregando o verbo "remover", e não "romper", parece-nos até mais oportuna, porquanto se sabe que, nos processos de desencarnação, não raro, espíritos benfeitores auxiliam na remoção dos laços que porventura ainda prendam ao corpo o desencarnante, laços que, segundo *O livro dos espíritos*, não se rompem,

¹¹¹ **111** Veja-se o capítulo nove do nosso livro *Reencarnação: lei da bíblia, lei do evangelho, lei de Deus* (Lachâtre, 1999).

¹¹² **112** Julgamos importante este esclarecimento acerca da autoria espiritual do *Eclesiastes* por ser fundamental para uma perfeita compreensão do porquê do texto aqui em estudo.

¹¹³ **113** *J6*, IV, 21. Como vimos no capítulo anterior.

¹¹⁴ **114** *Eclesiastes*, XII, 6. In: *Tradução do novo mundo das escrituras sagradas*. Grifo nosso.

desatam-se.¹¹⁵

Para que dúvidas não restem quanto ao sentido destas revelações bíblicas, confrontemos os referidos versículos nesta outra versão, revista e atualizada, de João Ferreira de Almeida: "Se se lhes corta o fio da vida" (*Jó*, IV, **21**); "antes que se rompa o fio de prata" (*Eclesiastes*, XII, **6**.)

Os aludidos textos, desse modo comparados e elucidados, numa flagrante identidade de sentidos, atestam a analogia absoluta das situações que descrevem, rigorosamente de um mesmo ponto de vista: sem dúvida, espiritual. Vejamos como em dois valiosos momentos de *O livro dos médiuns* este assunto é esclarecido:

[Kardec aos espíritos superiores:] Como, estando ausente do corpo, o espírito é avisado da necessidade da sua presença?

[Resposta:] "O espírito jamais está completamente separado do corpo vivo em que habita; qualquer que seja a distância a que se transporte, a ele se conserva ligado por um laço fluídico que serve para chamá-lo, quando se tome preciso. Esse laço só a morte o rompe".

NOTA [de Kardec:] Esse laço fluídico há sido muitas vezes percebido por médiuns videntes. É uma espécie de cauda fosforescente que se perde no espaço e na direção do corpo. Alguns espíritos hão dito que por aí é que reconhecem os que ainda se acham presos ao mundo corporal.¹¹⁶

[...] durante a vida, nunca o espírito se acha completamente separado do corpo. Do mesmo modo que alguns médiuns videntes, os espíritos reconhecem o espírito de uma pessoa viva, por um rastro luminoso, que termina no corpo, fenômeno que absolutamente não se dá quando este está morto, porque, então, a separação é completa.¹¹⁷

Note-se que o aspecto referido na obra kardeciana para o "laço fluídico" que prende a alma ao corpo é o de luminosidade, fosforescência. Ora! O seu brilho foi, no *Eclesiastes* comparado ao do metal que mais se aproxima dessa característica, donde a expressão corda ou fio "de prata".

Poder-se-á ainda duvidar da natureza mediúnica de certos conteúdos das antigas *escrituras*? Poder-se-á continuar dizendo, levianamente, que as comunicações com o além-túmulo e a penetração em seus "mistérios" constituem fatos sobrenaturais ou de invenção espírita? Certo estava o Pregador, em sua lídima visão de imortal: "O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol".¹¹⁸

¹¹⁵ **115** Itens **155** e **289**.

¹¹⁶ **116** Item **284** (**40^a** pergunta).

¹¹⁷ **117** Item **118**.

¹¹⁸ **118** *Eclesiastes*, I, **9**. In: ALMEIDA. Revista e atualizada.

UM ANJO NA FORNALHA

Tu, **o** rei, fizeste um decreto, pelo qual todo homem que ouvisse o som da trombeta, da flauta, da harpa, da cítara, do saltério, da gaita de foles, e de toda a sorte de música, se prostraria e adoraria a estátua de ouro; e qualquer que não se prostrasse e adorasse seria lançado numa fornalha de fogo ardente. Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província de Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abednego; estes homens, **6** rei, não fizeram caso de ti; a teus deuses não servem, nem adoram a estátua de ouro que levantaste. Então Nabucodonozor, na sua ira e fúria, mandou chamar Sadraque, Mesaque e Abednego. Logo estes homens foram trazidos perante o rei. Falou Nabucodonozor, e lhes disse: E verdade, Ó Sadraque, Mesaque e Abednego, que vós não servis a meus deuses nem adorais a estátua de ouro que levantei? Agora, pois, se estais prontos, quando ouvirdes o som da trombeta, da flauta, da harpa, da cítara, do saltério, da gaita de foles, e de toda a sorte de música, para vos prostrardes e adorardes a estátua que fiz, bom é; mas, se não a adorardes, sereis lançados, na mesma hora, dentro numa fornalha de fogo ardente; e quem é esse deus que vos poderá livrar das minhas mãos? Responderam Sadraque, Mesaque e Abednego, e disseram ao rei: Ó Nabucodonozor, não necessitamos de te responder sobre este negócio. Eis que o nosso Deus a quem nós servimos pode nos livrar da fornalha de fogo ardente; e ele nos livrará da tua mão, ó rei. Mas se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste. Então Nabucodonozor se encheu de raiva, e se lhe mudou o aspecto do semblante contra Sadraque, Mesaque e Abednego; e deu ordem para que a fornalha se aquecesse sete vezes mais do que se costumava aquecer; e ordenou a uns homens valentes do seu exército que atassem a Sadraque, Mesaque e Abednego, e os lançassem na fornalha de fogo ardente. Então estes homens foram atados, vestidos de seus mantos, suas túnicas, seus turbantes e demais roupas, e foram lançados na fornalha de fogo ardente. Ora, tão urgente era a ordem do rei e a fornalha estava tão quente, que a chama do fogo matou os homens que carregaram a Sadraque, Mesaque e Abednego. E estes três, Sadraque, Mesaque e Abednego, caíram atados dentro da fornalha de fogo ardente. Então o rei Nabucodonozor se espantou, e se levantou depressa; falou, e disse aos seus conselheiros: Não lançamos nós dentro do fogo três homens atados? Responderam ao rei: É verdade, ó rei. Disse ele: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, e nenhum dano sofrem; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses. Então chegando-se Nabucodonozor à porta da fornalha de fogo ardente, falou, dizendo: Sadraque, Mesaque e Abednego, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde! Logo Sadraque, Mesaque e Abednego saíram do meio do fogo. E os sátrapas, os prefeitos, os governadores, e os conselheiros do rei, estando reunidos, viram que o fogo não tinha tido poder algum sobre os corpos

destes homens, nem foram chamuscado^ os cabelosda sua cabeça, nem sofreram mudança os seus mantos, nem sobre eles tinha passado o cheiro de fogo. **28** Falou Nabucodonozor, e disse: Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego, o qual enviou o seu anjo e livrou os seus servos, que confiaram nele e frustraram a ordem do rei, escolhendo antes entregar os seus corpos, do que servir ou adorar a deus algum, senão o seu Deus. **29** Por mim, pois, é feito um decreto, que todo o povo, nação e língua que proferir blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego, seja despedaçado, e as suas casas sejam feitas um monturo; porquanto não há outro deus que possa livrar desta maneira. Então o rei fez prosperar a Sadraque, Mesaque e Abednego na província de Babilônia. (*Daniel*, III, **10-30**.)¹¹⁹

Mesmo levando-se em conta a provável aclimatação mítica do texto, não se pode deixar de nele reconhecer características bem próprias dos efeitos físicos das ecto- plasmias. O rei espera ver queimando os três condenados; porém, surpreendido, avista não três, mas quatro figuras movimentando-se livremente no interior da fornalha. A quarta individualidade tem "o aspecto semelhante a um filho dos deuses", um "anjo". Evidente que se trata de mais um dos muitos casos de materialização, normalmente assim nas *escrituras* notabilizados, pela luminosidade, ou, mais propriamente, pela fosforescência do ectoplasma utilizado pelos espíritos ao se apresentarem nessas oportunidades, com vestes "resplandescentes", ou "brilhantes", conforme descrito em diversos passos.¹²⁰

No entanto, consta de parte de um texto normalmente não aceito pelas versões bíblicas¹²¹ uma filigrana verdadeiramente importante para o esclarecimento do fenômeno em estudo:

[...] o anjo do Senhor desceu para junto deles na fornalha e expeliu para fora a chama do fogo, *fazendo soprar, no meio da fornalha, um como vento de orvalho refrescante*. E assim o fogo não os tocou de modo algum, nem os afligiu nem lhes causou qualquer incômodo.¹²²

Se falamos de ectoplasmia, isto é, dos mais diferentes e diversificados efeitos físicos provocados pelos espíritos, referimo-nos a fatos incontestes, estudados à exaustão, por exemplo, por *Sir William Crookes*, Prêmio Nobel de Química em **1907**, que descobriu a matéria radiante em função de seus experimentos com as

¹¹⁹ **119** VIEIRA, Ismael A. R. *Auto-ajuda através da bíblia (para computador)*. Versão **2.01, 1996**.

¹²⁰ **120** Mateus, XXVIII, **3**; Lucas, XXIV, **4**; Atos, X, **30**, e outros.

¹²¹ **121** Por estar conservado somente nas traduções grega e siríaca, sem original hebraico ou aramaico. (Cf. *A bíblia de Jerusalém*. *Daniel*, III. Nota "t", p. **1685**.)

¹²² **122** Por estar conservado somente nas traduções grega e siríaca, sem original hebraico ou aramaico. (Cf. *A bíblia de Jerusalém*. *Daniel*, **111,49-50**. Nota "t", p. **1685**.)

materializações espíritas.¹²³

Uma das anotações de W. Crookes reporta-se à queda de temperatura quando os fenômenos estão prestes a re- lizar-se.¹²⁴ O fato, segundo julgamos, pode dever-se àquela "relativa ozonização", de efeito "bactericida", que o doutor André Luiz afirma ser operada por entidades "de nobre hierarquia" nas reuniões espíritas de ectoplasmia.¹²⁵ O que o anjo operou, "fazendo soprar, no meio da fornalha, um como vento de orvalho refrescante", talvez tenha sido apenas uma modalidade intensificada dessa ação espiritual capaz de promover a "condensação do oxigênio",¹²⁶ preservando das chamas, ou seja, do fenômeno de combustão - impossível sem oxigênio -, as personagens bíblicas em estudo.

Interessante notar que, antes dos fenômenos do dia de pentecostes, quando "línguas, como que *de fogo*, se distribuíram sobre cada um" dos apóstolos de Jesus, igualmente se registrou a ocorrência de "um ruído do céu, bem semelhante ao duma *brisa impetuosa*, que encheu toda a casa onde estavam sentados".¹²⁷

Em seus relatos, W. Crookes afirma ter observado "centelhas", "pontos luminosos saltarem de um e outro lado e repousarem sobre a cabeça de diferentes pessoas",¹²⁸ e ainda, como já referimos acima, que esses fenômenos "são geralmente precedidos de um resfriamento do ar, *todo especial*, que chega, algumas vezes, a tornar-se *um vento bem pronunciado*. Sob a sua influência - diz ainda W. Crookes —, vi folhas de papel elevarem-se, e o termômetro baixar de vários graus".¹²⁹

Milênios distanciam os relatos bíblicos dos experimentos do afamado cientista inglês... Qualquer semelhança não passará de mera coincidência?...

O BANQUETE DE BELSAZAR (BALTAZAR)

O rei Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus grandes, e bebeu vinho na presença dos mil. Havendo Belsazar provado o vinho, mandou trazer os vasos de

¹²³ **123** DENIS, *O além e a sobrevivência do ser*, p. **23**

¹²⁴ **124** *Fatos espíritas*. Movimento de corpos pesados com contato mas sem esforço mecânico, pp. **29/30**.

¹²⁵ **125** *Missionários da luz*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Gap, **10** - Materialização, pp. **111/12**.

¹²⁶ **126** *Id., ibid.*

¹²⁷ **127** *Atos, II, 1-4*. In: *Tradução do novo mundo das escrituras sagradas*. Grifos nossos.

¹²⁸ **128** *Fatos espíritas*. Aparições luminosas, p. **39**.

¹²⁹ **129** *Ibid.* Movimento de corpos pesados com contato mas sem esforço mecânico, pp. **29/30**. Grifos nossos.

ouro e de prata que Nabucodonozor, seu pai, tinha tirado do templo que estava em Jerusalém, para que bebessem por eles o rei, e os seus grandes, as suas mulheres e concubinas. Então trouxeram os vasos de ouro que foram tirados do templo da casa de Deus, que estava em Jerusalém, e beberam por eles o rei, os seus grandes, as suas mulheres e concubinas. Beberam vinho, e deram louvores aos deuses de ouro, e de prata, de bronze, de ferro, de madeira, e de pedra. Na mesma hora apareceram uns dedos de mão de homem, e escreviam, defronte do castiçal, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo. Mudou-se, então, o semblante do rei, e os seus pensamentos o perturbaram; as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro. E ordenou o rei em alta voz, que se introduzissem os encantadores, os caldeus e os adivinhadores; e falou o rei, e disse aos sábios de Babilônia: Qualquer que ler esta escritura, e me declarar a sua interpretação, será vestido de púrpura, e trará uma cadeia de ouro ao pescoço, e no reino será o terceiro governante. Então entraram todos os sábios do rei; mas não puderam ler o escrito, nem fazer saber ao rei a sua interpretação. Nisto ficou o rei Belsazar muito perturbado, e se lhe mudou o semblante; e os seus grandes estavam perplexos. Ora a rainha, por causa das palavras do rei e dos seus grandes, entrou na casa do banquete; e a rainha disse: Ó rei, vive para sempre; não te perturbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante. Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos; e nos dias de teu pai se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses; e teu pai, o rei Nabucodonozor, sim, teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos encantadores, dos caldeus, e dos adivinhadores; porquanto se achou neste Daniel um espírito excelente, e conhecimento e entendimento para interpretar sonhos, explicar enigmas e resolver dúvidas, ao qual o rei pôs o nome de Beltessazar. Chame-se, pois, agora Daniel, e ele dará a interpretação. Então Daniel foi introduzido à presença do rei. Falou o rei, e disse a Daniel: Es tu aquele Daniel, um dos cativos de Judá, que o rei, meu pai, trouxe de Judá? Tenho ouvido dizer a teu respeito que o espírito dos deuses está em ti, e que em ti se acham a luz, o entendimento e a excelente sabedoria. Acabam de ser introduzidos à minha presença os sábios, os encantadores, para lerem o escrito, e me fazerem saber a sua interpretação; mas não puderam dar a interpretação destas palavras. Ouvi dizer, porém, a teu respeito que podes dar interpretações e resolver dúvidas. Agora, pois, se puderes ler esta escritura e fazer-me saber a sua interpretação, serás vestido de púrpura, e terás cadeia de ouro ao pescoço, e no reino serás o terceiro governante. Então respondeu Daniel, e disse na presença do rei: Os teus presentes fiquem contigo, e dá os teus prêmios a outro; todavia vou ler ao rei o escrito, e lhe farei saber a interpretação. O Altíssimo Deus, ó rei, deu a Nabucodonozor, teu pai, o reino e a grandeza, glória e majestade; e por causa da grandeza que lhe deu, todos os povos, nações, e línguas tremiam e temiam diante dele; a quem queria matava, e a quem queria conservava em vida; a quem queria

exaltava, e a quem queria abatia. Mas quando o seu coração se elevou, e o seu espírito se endureceu para se haver arrogantemente, foi derrubado do seu trono real, e passou dele a sua glória. E foi expulso do meio dos filhos dos homens, e o seu coração foi feito semelhante ao dos animais, e a sua morada foi com os jumentos monteses; deram-lhe a comer erva como aos bois, e do orvalho do céu foi molhado o seu corpo, até que conheceu que o Altíssimo Deus tem domínio sobre o reino dos homens, e a quem quer constitui sobre ele. E tu, Bel-sazar, que és seu filho, não humilhaste o teu coração, ainda que soubeste tudo isso; porém te elevaste contra o Senhor do céu; pois foram trazidos a tua presença os vasos da casa dele, e tu, os teus grandes, as tua mulheres e as tuas concubinas, bebestes vinho neles; além disso, deste louvores aos deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não vêem, não ouvem, nem sabem; mas a Deus, em cuja mão está a tua vida, e de quem são todos os teus caminhos, a ele não glorificaste. Então dele foi enviada aquela parte da mão que traçou o escrito. Esta, pois, é a escritura que foi traçada: MENE, MENE, TEQUEL, UFARSIM. Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino, e o acabou. TEQUEL: Pesado foste na balança, e foste achado em falta. PERES: Dividido está o teu reino, e entregue aos medos e persas. Então Belsazar deu ordem, e vestiram a Daniel de púrpura, puseram-lhe uma cadeia de ouro ao pescoço, e proclamaram a respeito dele que seria o terceiro em autoridade no reino. Naquela mesma noite Belsazar, o rei dos caldeus, foi morto. E Dario, o medo, recebeu o reino, tendo cerca de sessenta e dois anos de idade. {Daniel, V, 1-31.}¹³⁰

A narrativa representa mais uma peça testemunhal de materializações na antiguidade, sendo explícita em definir que "apareceram uns dedos de *mão de homem*, e escreviam, [...] e o rei via *a parte* da mão que estava escrevendo".

Novamente, em nome da universalidade e da naturalidade desses fatos, explicados pelo espiritismo desde meados do século XIX, devemos ressaltar, nesse exato sentido, os experimentos de *Sir W. Crookes*:

Pequena mão de muito bela forma elevou-se de uma mesa da sala de jantar e deu-me uma flor; apareceu e depois desapareceu três vezes, o que me convenceu de que essa aparição era tão real quanto a minha própria mão.

Isto se passou à luz, em minha própria sala, estando os pés e as mãos do médium seguros por mim, durante esse tempo.

[...]

Várias vezes, eu mesmo e outras pessoas observamos mão estranha comprimindo as tedas de uma harmônica, ao passo que, no mesmo momento, víamos as mãos do médium, que algumas vezes eram seguras pelas pessoas que achavam junto dele.

¹³⁰ **130** VIEIRA, Ismael A. R. *Auto-ajuda através da bíblia (para comptUadm)*. Versão **2.01, 1996**.

As mãos e os dedos não me pareceram sempre sólidos e de pessoa viva.

Algumas vezes, é preciso dizer, ofereciam antes a aparência de nuvem vaporosa, condensada *em parte, sob a forma de mão*.

[..]

Nos punhos e nos braços tomam-se vaporosas e perdem-se numa nuvem luminosa.

Ao contato, essas mãos parecem algumas vezes frias como o gelo, e mortas; outras vezes me pareceram quentes e vivas, e apertaram a minha com a firmeza de um velho amigo.

Retive uma dessas mãos, bem resolvido a não deixá-la escapar. Nenhuma tentativa, nenhum esforço foi feito para fazer-me largar a presa, mas pouco a pouco essa mão pareceu dissolver-se em vapor, e foi assim que ela se libertou da prisão.¹³¹

Sendo o perispírito, ou corpo espiritual, a verdadeira matriz psicofisiológica do ser humano, mediante o que atua sobre a matéria e outros estados da energia, é perfeitamente possível ao espírito desencarnado, concentrando, para determinada finalidade, o material ecto- plásmico haurido de um foco doador, materializar uma parte e até mesmo toda a sua organização perispirítica.

Sir W. Crookes, que pôs a sua inteligência brilhante a serviço da verdade, trabalhando no sentido de obter as tão reclamadas provas científicas da imortalidade da alma, recebeu flores e apertou as mãos de seus velhos amigos do espaço. Já o rei Baltazar não obteve esse elevado merecimento em seus contatos espirituais...

O fato é que a luxúria, a devasidão, o culto, enfim, da materialidade, em detrimento da moral sublimadora do amor ao próximo, estabelecem as conexões interdinâmicas com os planos inferiores da vida, aviando-nos pelos roteiros de dolorosos aprendizados.

Daniel, que tinha em si "o espírito dos deuses santos",¹³² ou seja, que exercia a mediunidade para o bem geral, desinteressado das coisas materiais, contava, em função disso, com a assistência do elevado benfeitor Gabriel.¹³³ Assim, o profeta judeu, inspirado por seu valoroso orientador espiritual, ao decifrar as palavras escritas pela mão de algum espírito desencarnado, foi sem dúvida o agente de que se valeu a divindade para repreender o infeliz rei, que ganhara o mundo inteiro, mas ainda não conquistara sua alma, sua vida. Lembremos do ensino do mestre supremo: "[...] que aproveita ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua

¹³¹ **131** Fatos espíritas. Aparições de mãos, luminosas por si mesmas, ou visíveis à luz ordinária, pp. **41/42**.

¹³² **132** *Daniel*, IV, **8. 9. 18**; V, **11**.

¹³³ **133** *Daniel*, VIII, **15-16**; IX, **21-23**.

vida? ou que dará o homem em troca da sua vida?"¹³⁴

BIBLIOGRAFIA

- AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e espiritismo*. Rio de Janeiro, FEB, 3^a ed., 1978.
Vols. 1 e 2.
. *Um caso de desmaterialização*. Rio de Janeiro, FEB, 2^a ed., 1951.
- ALEIXO, Sergio Fernandes. *Reencamação: lei da bíblia, lei do evangelho, lei de Deus*. Niterói (RJ), Lachâtre, 2^a ed., 1999.
- ANDRÉ LUIZ (espírito). *Missionários da luz*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro, FEB, 21^a ed., 1988.
- BOZZANO, Ernesto. *Povos primitivos e manifestações supra- normais*. São Paulo, FE Editorajornalística Ltda., I^a ed., 1997.
. *Animismo ou espiritismo?* Rio de Janeiro, FEB, 3^a ed., 1982.
. *Xenoglossia*. Rio de Janeiro, FEB, 3^a ed., 1980.
. *Fenômenos de transporte*. São Paulo, FEESP 2^a ed., 1982.
- COULANGES, Fustel de (Numa Denis). *A cidade antiga. Estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma*. São Paulo, Hemus, 12^a ed., 1996.
- CROOKES, Wiliam. *Fatos espíritas*. Rio de Janeiro, FEB, 7^a ed., 1983.
- DELANNE, Gabriel. *O fenômeno espírita*. Rio de Janeiro, FEB, 4^a ed., 1988.
. *A alma é imortal*. Rio de Janeiro, FEB, 4^a ed., revista, 1978.
- DENIS, Léon. *No invisível*. Rio de Janeiro, FEB, 12^a ed., 1987.
. *O além e a sobrevivência do ser*. Rio de Janeiro, FEB, 4^a ed., 1981.
. *Cristianismo e espiritismo*. Rio de Janeiro, FEB, 7^a ed., 1978.
- DROUOT, Patrick. *Nós somos todos imortais*. Rio de Janeiro, Record/Nova Era, 5^a ed., 1997.
. *Reencamação e imortalidade. Das vidas passadas às vidas futuras*. Rio de Janeiro, Record/Nova Era, 6^a ed., 1996.
- EMMANUEL (espírito). *Paulo e Estêvão*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro, FEB, 25^a ed., 1989.
- GiBIER, Paul & AKSAKOF, Alexandre. *Materializações de espíritos*. Rio de Janeiro, Eco, 2^a ed., 1976.
- GROF, Stanislav & Chistina (orgs.) *Emergência espiritual. Crise e transformação espiritual*. São Paulo, Cultrix, 12^a ed., 1997.
- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro, FEB, 71^a ed., 1991.
. *O que é o espiritismo*. Rio de Janeiro, FEB, 1991, 35^a ed.
. *O livro dos médiuns*. Rio de Janeiro, FEB, 56^a ed., 1988.
. *O evangelho segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro, FEB, 113^a ed., 1997.
. *O céu e o inferno*. Rio de Janeiro, FEB, 41^a ed., 1997, I

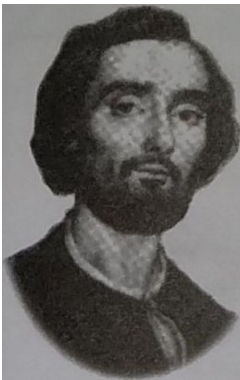
- . *A gênese*. Rio de Janeiro, FEB, **36^a ed., 1995**.
- . *Obras póstumas*. Rio de Janeiro, FEB, **23^a ed., 1989**.
- . *Revista espírita*. IDE, São Paulo, **1993/96**.
- LOMBROSO, César. *Hipnotismo e mediunidade*. Rio de Janeiro, FEB, **2^a ed., 1975**.
- NUNES, Glóvis S. *Transcomunicação. Comunicações tecnológicas com o mundo dos mortos*. Sobradinho (DF), Edi- cel, **2^a ed., 1990**.
- OWEN, Rev. G. Vale. *A vida além do véu*. Rio de Janeiro, FEB, **4^a ed., 1983**.
- PERANDRÉA, Carlos Augusto. *A psicografia à luz da grafos- copia*. São Paulo, FE Editora Jornalística Ltda., março/**1991**.
- PIRES, J. Herculano. *O espírito e o tempo. Introdução antropológica ao espiritismo*. Sobradinho (DF), Edicel, **7^a ed., 1995**.
- . *Visão espírita da bíblia*. São Bernardo do Campo (SP), Correio Fraternal do ABC, **3^a ed., 1991**.
- ROHDEN, Huberto. *A mensagem viva do Cristo*. São Paulo, Martin Claret, **1990**.
- SANTOS, Jorge Andréa dos. *Energética do psiqismo. Fronteiras da alma*. Rio de Janeiro, Soc. Ed. Espiritualista F. V. Lorenz, **3^a ed., 1990**.
- . *Forças sexuais da alma*. Rio de Janeiro, FEB, **5^a ed., 1991**.
- . *Enfoques científicos na doutrina espírita*. Rio de Janeiro, Soc. Ed. Espiritualista F. V. Lorenz, **2^a ed., 1991**.
- . *Visão espírita nas distonias mentais*. Rio de Janeiro, FEB, **3^a ed., 1992**.
- TORRES PASTORINO, Carlos J. *La reencarnación en el Anti- guo Testamento*, version castellana del prof. Angel Herrera, Separata da Revista Anual SPIRITVS (de dezembro de **1964**), Suplemento da revista mensal SABEDORIA.
- . *Sabedoria do evangelho*. Rio de Janeiro, Sabedoria, **8 volumes, 1964-1971**.
- WEISS, Brian L. *A cura através da terapia de vidas passadas*. Rio de Janeiro, Salamandra, **2^a ed., 1996**.
- ZÖLLNER, J. K. Friedrich. *Provas científicas da sobrevivência. Experiências sobre a quarta dimensão provando a sobrevivência do espírito*. São Paulo, Edicel, s/ed., **1973**.
- BÍBLIAS**
- A bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília (DF), Sociedade Bíblica do Brasil, **2^a edição, revista e atualizada no Brasil, 1993:- ***
- A bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília (DF), Sociedade Bíblica do Brasil, revista e corrigida, **1969**.
- A bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Paulinas, **1985**.
- VIEIRA, Ismael A. R. *Auto-ajuda através da bíblia* (para computador). Versão **2.01, 1996**.
- Tradução do novo mundo das escrituras sagradas.
- Cesário Lange (SP), Sociedade Torre de Vigia de bíblias e Tratados, 1984*.

o AUTOR



Carioca, Sérgio Fernandes Aleixo nasceu aos **18** de outubro de **1970**. cursou primeiro e segundo graus no tradicional Colégio Pedro II. Graduado e licenciado em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa pelas Faculdades de Letras e de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ. Servidor público. De família lusa, foi católico apostólico romano até os dezoito anos, quando leu, de Allan Kardec, *O livro dos médiuns*. Autor do livro *Reencarnação: lei da bíblia, lei do evangelho, lei de Deus* (Lachâtre, **1999**). Primeiro-secretário da Instituição Caminho do Senhor. Comunicador, na Rádio Rio de Janeiro (ZYJ **462** - **1400** KHZ - AM), dos programas "Caminho do Senhor" e "Luz na Penumbra". Expositor do Instituto de Cultura Espírita do Brasil - ICEB. Membro da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro - ADE/RJ.

Maurice Lachâtre



(**1814-1900**)

Em seu nome, a editora Lachâtre homenageia uma das figuras mais luminosas e corajosas da França, no século XIX. Nascido em Issoudun, no departamento de Indre, em **1814**, Maurice Lachâtre mudou-se ainda jovem para Paris, atraído pela borbulhante vida intelectual da capital francesa. Editor e escritor, foi em ambas as atividades o contestador por excelência, em choque permanente com o regime político e a religião católica dominante. Em **1857**, foi condenado a um ano de prisão e a uma multa de seis mil francos, por ter editado o romance *Os mistérios do povo*, de Eugén Sue, que difundia os ideais socialistas. No ano seguinte, sofreu nova

condenação pelo regime de Napoleão III (que Victor Hugo chamou de Napoleão, o pequeno), pela publicação do Dicionário universal ilustrado. A pena era duríssima: seis anos de prisão. Para escapar, Lachâtre refugiou-se na Espanha, estabelecendo-se como livreiro em Barcelona. Homem inquieto, atento às novidades, acompanhava de perto o grande movimento de renovação espiritual que suigia em seu país. Em **1861**, escreveu a Allan Kardec, solicitando-lhe a remessa de livros espíritas, que desejava comercializar em sua livraria. Kardec enviou dois caixotes, contendo trezentos livros. A remessa atendia a todos os requisitos legais da alfândega espanhola, mas a sua liberação foi sustada, sob a alegação de ser indispensável a aprovação do bispo de Barcelona, Antonio Palau y Termens. Lidas as obras, o padre concluiu que se tratavam de livros perniciosos, que deviam ser lançados ao fogo, "por serem imorais e contrários à fé católica". A execução ocorreu no dia **9** de outubro de **1861**, ficando conhecida entre os espíritas como o Auto-de-fé de Barcelona.

A partir daí, os padres passaram a vigiar de perto as publicações de Lachâtre. O dedo da igreja encontra-se por trás da sentença da justiça, de **27** de janeiro de **1869**, que condenava à destruição a História dos papas, que Lachâtre publicara em **1842-43**, em dez volumes. Não foi o suficiente para abatê-lo.

Em **1870**, quando ocorre a Comuna, Lachâtre retoma a Paris, num lance de ousadia, e passa a colaborar no jornal Vengeur, de Félix Pyat. A vitória do governo e a violentíssima repressão levaram-no de volta à Espanha, onde manteve a sua intensa atividade intelectual. Em **1874**, publicou dois livros, a História do consulado e do império e a História da restauração. Seis anos depois, saía a História da inquisição. Com a anistia, retomou à França, fundou uma nova editora, em Paris, e entregou-se de corpo e alma à sua grande obra, o Novo dicionário universal, considerada por seus contemporâneos a maior enciclopédia de conhecimentos humanos até então publicada. Incluía, inclusive, todos os termos específicos do vocabulário espírita.

Maurice Lachâtre morreu em Paris, em **1900**.